

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

**DÉBORA INÊS KREUZBERG**

**A INCRÍVEL TRAJETÓRIA DE UM PERIGOSO REI DA GALHOFA:  
um estudo sobre a representação do simples homem do campo na figura do  
gaúcho a pé**

**São Leopoldo  
2019**

DÉBORA INÊS KREUZBERG

**A INCRÍVEL TRAJETÓRIA DE UM PERIGOSO REI DA GALHOFA:  
um estudo sobre a representação do simples homem do campo na figura do  
gaúcho a pé**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras Português, pelo Curso de  
Licenciatura em Letras Português da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Arendt

São Leopoldo  
2019

***Dedico este trabalho a esta simples  
menina do campo que insiste em se ver  
atrelada aos fantasmagóricos  
estereótipos mentais que a julgam  
incapaz de viver e ser feliz!***

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, inicialmente, à minha querida orientadora Profa. Dra. Isabel Cristina Arendt que, além de tão prontamente aceitar o meu convite, dedicou muito tempo, paciência e preocupação para auxiliar-me no desenvolvimento do presente trabalho. O seu carinho foi fundamental para que eu continuasse não desistindo!

Agradeço imensamente à compreensão de minha família com a qual deixei, muitas vezes, de conviver e conversar devido à dedicação a este trabalho. Sinto muito ter abdicado de minhas férias de verão e da proximidade de vocês para concretização deste objetivo!

Quero agradecer, também, as minhas parceiras da Biblioteca Mundo Mágico, professoras Mônica e Angélica e colega Camila, que quase piraram junto comigo nestes últimos dias que antecedem a entrega do trabalho final. A amizade de vocês é sobremaneira importante para a minha felicidade. Obrigada!

Agradeço, igualmente, a meus tios e primos que fizeram o máximo para que eu pudesse cursar um ensino superior em uma universidade de qualidade, mesmo tão longe de minha terra natal. O esforço de vocês foi essencial para a concretização do sonho de ser professora!

## RESUMO

O estado do Rio Grande do Sul é um caso bastante curioso em relação ao restante do Brasil. Fundamentado sob uma cultura extremamente forte e diferenciada em relação à dos demais estados brasileiros, o caráter regionalista de muitas de suas obras literárias deixa bem evidente a construção e divulgação de um tipo social que se pretende amplamente distinto dos demais representantes brasileiros. Portadores de um dos títulos gentílicos mais defendidos do país, os gaúchos são a semântica transformada em indivíduo vivo e orgulhoso de suas tradições. Desde as primeiras referências a esse povo, foram várias as acepções de significado atribuídas ao termo “gaúcho” no decorrer da história. De malfeitores, perturbadores da ordem e desocupados a *monarca das coxilhas* e simples resquício rural condenado às margens da ignorância pelo escárnio da modernização citadina. Em uma tentativa de verificar a ciclicidade da visão deturpada desse tipo social, analisou-se algumas das obras cujos protagonistas são constituídos da representação do gaúcho após sua desmonarquização, levando em consideração, também, os efeitos que sofreram com a expansão do latifúndio. Para tanto, buscou-se encontrar, nessas obras literárias, relações de semelhança para com a visão caricaturizada do caipira – aqui compreendido como todo e qualquer homem do campo – evidenciada na figura de Jeca Tatu. Observada a precariedade de estudos acerca das representações literárias mais contemporâneas do tipo sul-riograndense, foram selecionadas obras mais recentes, que contemplam o estágio do gaúcho a pé e suas versões subsequentes e que melhor se encaixaram nos objetivos desta pesquisa, a fim de investigar a presença, nelas, de caracteres que aproximem esse novo sujeito gaudério com o pobre homem do campo evidenciado na figura de Jeca Tatu. A possibilidade de encontrar associações com um tipo social comumente alvo de ridicularização reforça o quão desvalorizado o gaúcho tem se tornado após seu curto período de reinado.

**Palavras-chave:** Representações sociais. Gaúcho. Caipira. Análise literária. Estereotipia.

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. TUDO NÃO PASSA DE HISTÓRIA: A EVOLUÇÃO DA FIGURA DO GAÚCHO</b>	<b>10</b>
<b>3. FRUTO DA MAIS PERFEITA RECEITA: AS VARIÁVEIS QUE COMPÕEM A POPULAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE</b>	<b>17</b>
<b>4. ESTRANHO NO NINHO TAMBÉM PIA: O REGIONALISMO ATÍPICO DO RS</b>	<b>21</b>
<b>5. SÓ FANTASMA NÃO TEM REFLEXO: A LITERATURA E SUA FUNÇÃO SOCIO-DOCUMENTAL</b>	<b>24</b>
<b>6. MUITO MAIS DO QUE RELES FIGURANTE: O CAIPIRA ANALISADO EM SUAS PROFUNDAS NUANCES</b>	<b>28</b>
<b>7. NÃO SÓ DE EMÍLIAS SE FAZ UM LOBATO: A REPRESENTAÇÃO CARICATURAL DO CAIPIRA PAULISTA</b>	<b>33</b>
7.1 A desgraça da graça	37
<b>8. DOS TRAJOS AOS FARRAPOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA</b>	<b>39</b>
8.1 Farelos do banquete de outrora	46
8.2 O mundo visto sob um novo ângulo, o de baixo	51
8.3 Gente que te quero bicho	55
8.4 Sabedoria: uma invenção tecnológica?	59
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>67</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*O objeto artístico – como, aliás, qualquer objeto, quando considerado do ângulo estético – pode apresentar-se à maneira de um caleidoscópio, numa revelação permanente; pode constituir-se infinitamente sob os olhos que nele se detêm, mesmo se a interpretação e o julgamento críticos o fixarem, em dado momento, como um único significado<sup>1</sup>.*

Acompanhar a evolução da significação do ser gaúcho é acompanhar a nossa própria história, em suas múltiplas nuances, vitórias e derrotas que colaboraram na construção do que hoje somos e representamos frente ao restante do Brasil.

Desde muito cedo, com a colonização espanhola, o Rio Grande do Sul (RS) revelou-se bastante diferenciado em relação aos demais estados federativos brasileiros. As consistentes marcas culturais que o denotam em nível internacional e a europeização a partir da migração de alemães e italianos no século XIX colaboraram para a criação e perpetuação de uma concepção de povo à parte.

Os hábitos, ideologias e vestimentas hoje tão corriqueiros e tipificados no RS são frutos de anos de construção identitária promovida por esse povo tão heterogêneo, porém unido sob a estirpe de um mesmo e honroso título gentílico. Considerando a importância desse processo evolutivo e que tem como auge a tipificação do sujeito ainda atualmente visto e retratado como um herói dos pampas, a análise das primeiras acepções ao termo “gaúcho” e a desvalorização desse herói pampeano, fomentada pelo avanço da modernização, nos permite examinar mais criteriosamente o atual *status* do pobre homem do campo – resquício vivo dos originais nômades pampeanos –, vitimado pela miséria, desmerecimento e rotulação pejorativa, quando comparado aos habitantes citadinos.

Além disso, estudar o curto reinado do *monarca das coxilhas* é fundamental para a compreensão da cultura gaúcha como um todo, nossa marca registrada

---

<sup>1</sup> ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. **O regionalismo na literatura e o “Mito do Gaúcho” no extremo-sul do Brasil: Simões Lopes Neto**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2014. Tomo II, p. 222.

mundialmente como uma espécie de glorificação saudosa dos tempos remotos e das características que hoje praticamente inexistem no meio natural, perpetuadas apenas como peças de museus e fonte de idealização de centros tradicionalistas.

Tendo como foco a desmonarquização do tipo social sul-rio-grandense e as consequências advindas da expansão do latifúndio agrário para essa parcela da população que, ao mesmo tempo em que se encontra descontextualizada com o ambiente urbano, é, também, expulsa da sua configuração enquanto camponeses, buscou-se estudar a representação da figura do gaúcho na literatura sul-rio-grandense e a sua associação com a construção de uma identidade pejorativa para o homem do campo. Para tanto, partiu-se da exploração de uma das caracterizações literárias mais importantes do sujeito rural – Jeca Tatu, de Monteiro Lobato – averiguando a existência de noções de similitude para com a figura depreciativa do gaúcho a pé e seus sucessores literários.

Verificando a escassez de pesquisas que tenham como foco o gaúcho mais contemporâneo, optou-se por escolher, dentre os autores sul-rio-grandenses, obras mais recentes e que não tenham sido já amplamente estudadas. Para tanto, e visando à temática investigada, foram selecionados o conto *Traste*, de Cyro Martins, o romance *Viagem aos Mares do Sul*, de José Carlos Queiroga, e os contos *Guapo* e *Vinte de setembro*, de Nero Meneghello. Estando, pois, estipulados os objetos de análise, partiu-se de elementos facilmente identificáveis na narrativa de Monteiro Lobato e que condizem com várias das supostas características que, habitualmente, sustentam a visão estereotipada do caipira.

Respaldado no estudo da presença de características denotadoras do estereótipo caipira em obras de autores sul-rio-grandenses construídas sobre o protagonismo de sujeitos-tipo do gaúcho a pé, tem-se como objetivo confirmar ou não a hipótese de que, após anos de heroicidade e misticismo, a representação, na literatura, da figura do gaúcho retorna às origens negativas da palavra e denota a figuração de um estereótipo “caipira” no Rio Grande do Sul (RS).

Além disso, “a generalidade do personagem lobatiano, visto muitas vezes como representação do brasileiro, independente de região geográfica” (LIMA, 1997, p. 16), e sua possível associação com um tipo social que se quer tão diferente do restante do país poderia cooperar para a amenização da visão de distinção sul-rio-



grandense e, colaborando com a construção de uma noção de tipos humanos mais universalizados, dar vazão à discussão e compreensão identitária nacional.

Importante salientar que, no transcorrer de toda esta pesquisa, tem-se ciência da discrepância social e econômica existente entre “sitiantes e fazendeiros (que possuem a terra) e meeiros, parceiros ou empreiteiros (que não a possuem)”, conforme lembra Pirotti (2006, p. 8). E tal diferenciação é compreendida tanto no que se refere ao caipira paulista quanto ao gaúcho (estancieiro e gaúcho a pé), optando-se por direcionar o presente estudo sempre tendo como base as vertentes mais empobrecidas do ambiente rural, seja ele paulista ou sul-rio-grandense.

No intuito de fomentar a análise deste estudo literário para uma melhor aproximação dos objetivos propostos, realizou-se uma teorização prévia acerca de alguns elementos essenciais para o entendimento da constituição da figura do gaúcho.

Para tanto, buscou-se trazer, no primeiro capítulo, uma breve explanação acerca da formação e identidade desse tipo social, evidenciando as múltiplas acepções e valorações sociais que a palavra “gaúcho” teve no decorrer da história. Além disso, são retratadas a edificação mitificada do herói pampeano, sua relação com o avanço da globalização, as tentativas de resgate das tradições gaudérias e a atuação contemporânea do sujeito decorrente da quebra do mito em sua representação literária.

No segundo capítulo, foi investigada mais a fundo a formação étnica da população sul-rio-grandense, assim como as necessárias relações de convivência estipuladas entre os diferentes povos que compõem o estado.

O terceiro capítulo visa fazer um rápido resgate das noções de regionalismo, levando em consideração o fato de o presente trabalho abarcar obras pertencentes a esse estilo literário. Além disso, são, também, reforçadas as causas que preconizam o surgimento do viés regionalista no RS, bem como as concepções de distinção que historicamente vêm associadas a esse estado.

Reforçando o caráter documental da literatura por ser indissociável da realidade em que se encontra inserida, o quarto capítulo chama a atenção para o

papel social das obras literárias e a suposta influência que podem exercer na criação e perpetuação de estereótipos opressores para com as minorias.

A concepção teórica adotada acerca da figura do caipira contempla a descrição do quinto capítulo, o qual tem como cerne a tese de doutoramento de Antônio Candido que se propõe a analisar de modo aprofundado a real situação e costumes que abarcam o caipira paulista.

Ingressando na análise literária proposta, o sexto capítulo se concentra sobre uma das mais importantes e transgressoras representações de tipos sociais brasileiros. Além disso, faz referência ao preconceito social contra o caipira, supostamente fortalecido pela visão caricaturizada de Lobato.

Já o sétimo capítulo se propõe a realizar a transição entre a análise da representação literária do homem do campo paulista e do gaúcho a pé sul-riograndense. Evidenciando aspectos caricatos do caipira na figura de Jeca Tatu, os subcapítulos que compõem essa parte visam a explorar as relações de semelhança que podem ser estabelecidas entre esses dois tipos sociais, mediante o estudo de características como a depravação social pós-desmistificação, o caráter saudosista em relação ao passado heroico, as relações com a tecnologia e com o social por meio da adoção de pensamentos egocêntricos, os modos grosseiros característicos de cada representante social durante seu percurso histórico evolutivo, o emprego da zoomorfização como intensificador da desvalorização socio-moral, e a suposta ignorância dos povos mais rudimentares.

Mediante a realização deste estudo pretende-se colaborar para uma compreensão mais ampla do gaúcho contemporâneo, bem como de suas associações resultantes do processo evolutivo que sofreu desde a sua primeira referência documental.

## 2. TUDO NÃO PASSA DE HISTÓRIA: A EVOLUÇÃO DA FIGURA DO GAÚCHO

*Pois se eu sou sempre outro, como é que no papel seria o mesmo? E se fosse, o papel estaria errado<sup>2</sup>.*

Poucos se orgulham tanto do título gentílico que lhes é atribuído pelo lugar onde habitam quanto o gaúcho. Anos e anos de tradição e história passados de geração a geração foram suficientes para inaugurarem uma visão quase mitológica de um homem sobre o lombo de seu cavalo a desbravar os extensos pampas do Rio Grande do Sul (RS).

Atualmente, Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) espalhados por todo o estado celebram e engrandecem a cultura, vestimenta e culinária que ainda resta saudosa das coxilhas tomadas de ferro e concreto.

Foi-se, pois, o tempo em que destemidos cavaleiros mateavam livres ao som do vento minuano a percorrer-lhes as cordas do violão. Já não mais há campinas de gado a pastorear, tampouco prados a descortinar, o que sobrevive é o pobre homem do campo a contemplar, estático, a queda do mito pelas gigantes rodas da civilização.

No entanto, nem sempre foi assim.

Segundo Molas (1968 *apud* GONZAGA, 1980, p.116), a primeira referência, em documentos, ao termo gaúcho data de 1771, momento em que os sujeitos a que a palavra faz referência são chamados de “malfeitores”. Um pouco antes, em 1746, já havia registros, também com sentido pejorativo, do termo que hoje assumimos como sinônimo, gaudério: “[...] gente que vive como quiere sin saber de donde viven o de qué se alimentan pues no trabajan.” (MOLAS, 1968, p. 507 *apud* GONZAGA, 1980, p. 116).

Semelhantes referências são comuns também em outras fontes como no *Diário Resumido* de José de Saldanha, conforme observado por Augusto Meyer em *Gaúcho: história de uma palavra* (1957, p. 19-20):

Gauches, palavra Hespanhola usada neste país para expressar aos Vagabundos, ou ladroens do Campo, quais vaqueiros, costumados a matar

---

<sup>2</sup> SCHÜLER, Donaldo. **O tatu**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985, p. 44.

os Touros chimaroens, a sacar-lhes os couros, e a leva-los ocultamente as Povoaçãoens, para sua venda ou troca por outros gêneros. (sic)

A verdade é que, de acordo com Reverbel (*apud* Marrero, 2006, p. 16), há pouquíssima informação documentada sobre os gaúchos sul-rio-grandenses, devido ao fato de comporem pequena parcela da população brasileira. Contrariamente a isso, segundo o autor, um estudo sobre os vizinhos platinos, que ocupam “um espaço social, cultural e histórico muito abrangente” em seus países, seria mais fácil de ser realizado se for levado em consideração o conhecimento volumoso que existe acerca desse povo.

Além da escassez de dados apontada por Reverbel, Meyer (1957) faz ressalvas sobre um outro empecilho para a compreensão plena do advento dos primeiros nômades do pampa, a complexidade etimológica da palavra gaúcho, que até hoje, após inúmeros estudos, ainda não possui uma origem certa e capaz de ser comprovada.

O que se sabe acerca do surgimento desses tipos originais de gaúchos é que, segundo Gonzaga (1980, p. 114), “sua origem residia tanto na dispersão das Missões quanto no estupro das índias, prática corriqueira de bandeirantes e soldados. Eram tipos indiáticos, mestiços, raros os brancos”. Com a distribuição de sesmarias e a “definição das fronteiras” e do gado que as habitava, “o vazio de normas da ‘terra de ninguém’ foi se extinguindo aos poucos, na medida em que ela passava a ser ‘terra de alguém’”. (ARMANDO, 2014, Tomo<sup>3</sup> I, p. 136, grifos da autora).

Com o avanço do capitalismo, esses indivíduos livres a vagarem pelos campos, foram, inicialmente, vistos, pelos grandes latifundiários, como um risco a ser suprimido, levando em consideração o perigo de furto que representavam como pode ser confirmado a partir do estudo de Meyer (1957).

Na sequência, devido a sua semibarbárie, e de modo a manter os inimigos por perto, acabaram sendo inseridos no sistema como mão-de-obra barata. De acordo com Armando (2014, T. I, p. 255), quando “da assimilação à estância como peão ou agregado, o gaudério se integrava à sociedade, mas o fazia enquanto elemento social desprovido de propriedade [...] e, logo, desprovido de poder.” Assim sendo, sua condição social permanecia a mesma, sem qualquer tipo de dotes, com

---

<sup>3</sup> Doravante, a palavra Tomo será abreviada pela inicial T, seguida de ponto final e do número que indica o volume consultado.

a diferença apenas de que, a partir desse momento, possuía um superior a quem devia obediência e bom exercício das funções.

Armando (2014, T. I, p. 133) chama atenção, também, para outra das funções primordiais desempenhadas pelos antigos nômades do pampa logo que foram inseridos na “civilização”: a sua atuação em guerras. A esse desempenho era dada grande relevância devido ao fato de que eles podiam influenciar diretamente no resultado do conflito, na medida em que “[...] os gaúchos – os campeiros – eram guerreiros prestigiosos, treinados por suas atividades normais (o trabalho com o gado, as arriadas, se eram fronteiriços etc.)”.

Pode-se dizer que vem, aliás, desses dois primeiros “empregos” algumas das ainda vigentes supostas qualidades do gaúcho: a maestria na lida do campo, especialmente nos rodeios, e a dita valentia e força.

Com o tempo e a integração dos antissociais ambulantes dos pampas no trabalho, de acordo com Gonzaga (1980, p. 118), o termo gaúcho se ampliou, de modo a contemplar todos os “[...] trabalhadores das estâncias: peões, diaristas, changadores, posteiros etc”, o que caracteriza o término da significação exclusivamente negativa da palavra e dos sujeitos que representa. Estava, pois, aberto o campo semântico para a implantação de uma nova acepção para “gaúcho”.

Mais tarde, como nos sugere o autor acima (GONZAGA, 1980), em uma espécie de reconhecimento de guerra e uniformização dos trabalhadores rurais pela burguesia, pouco a pouco, foram exaltadas qualidades comuns aos tipos anteriormente conhecidos por viverem “sem rei, nem lei”, libertos a cultivarem a sua falta de civilidade. Características hoje ainda veiculadas como a braveza, força e coragem passaram a ser atributos da criação de uma figura heroica associada com o conceito de gaúcho e da própria denominação gentílica do povo sulino.

Remonta a essa época, 1835, o surgimento inicial do *monarca das coxilhas*, o personagem mitificado e predileto das idealizações nativistas, do sentimento saudoso proclamado atualmente nos CTGs e de muitas das narrativas e expressões poéticas que têm como fundo a representação do povo sul-rio-grandense, por exemplo, José de Alencar, com sua construção de *centauro dos pampas*, em *O gaúcho* (1870), cujo protagonista, segundo Murari (2015, p. 600):

[...] reúne os clássicos atributos do homem do pampa: agilidade, vigor físico, rigidez moral, estrita lealdade à honra familiar, instinto vingativo, bravura e

ímpeto guerreiro, apego desmedido aos cavalos, ódio ao castelhano e obediência irrestrita ao chefe militar.

No que tange à definição de *mito* adotada neste trabalho, concorda-se com a apresentada por Armando (2014, T. I, p. 147-148) de que se trata de uma “representação mental” que, centrada em uma determinada realidade social, atribui a um sujeito características mitológicas, suscetíveis de mutações no decorrer do tempo, e perpetuações ideológicas.

Para Marobin (1985, p. 55), essa configuração do tipo gaúcho, canonizado de bravura e heroísmo, já se encontra estruturada no período da Revolução Farroupilha, arrolando atributos advindos das distintas etnias vigentes na região daquela época: indígenas e colonizadores portugueses e espanhóis, dos quais, aliás, advém sua origem conforme apontado pelos documentos e estudos hoje disponíveis.

Tanto Meyer (1957, p. 36) quanto Armando (2014, T. I, p. 201) concordam que a fase monárquica do gaúcho é fortemente marcada pelo narcisismo e pelo culto a si mesmo e às suas supostas qualidades naturais, inigualáveis e míticas. Segundo Armando, o próprio surgimento dessa figura mitológica se encontra vinculado a esse sentimento, como pode ser observado na hipótese levantada pela autora acerca de que “[...] o ‘mito do gaúcho’ foi, na origem, uma criação do próprio gaúcho”.

Ainda segundo Armando (2014, T. I, p. 217-218), “[...] a necessidade de se autoelogiar” desse sujeito pode ser justificada pela sua desvalorização social e histórica vigente na época. Para ela (ARMANDO, T. I, p. 217-218), a marginalidade a que estavam sujeitos esses indivíduos deu vazão à possibilidade de reestruturação de sua própria figura por meio da exaltação de características e habilidades que realmente portavam e outras ficticiamente exageradas, em uma espécie de “autocompensação” e criação de um reflexo positivo, de uma imagem de como gostariam de ser vistos.

A partir dessa autorreestruturação de sua figura, passaram a compor como características essenciais do gaúcho, conforme aponta Marobin (1985, p. 107-108): valentia, força, lealdade, grandeza, liberdade, integridade e sede por guerras e adversários por meio dos quais pudessem provar sua superioridade. A maioria desses aspectos é justificado por Rubert (2010, p. 28), como advindos dos inúmeros conflitos armados desenvolvidos no sul do Brasil, do determinismo geográfico “com

um clima bem definido, severo e de estações prolongadas” e do trabalho árduo e forçoso na lida com o campo e com o gado.

A visão positiva construída sobre os primeiros habitantes das campanhas sulinas deu vazão para que a nomenclatura “gaúcho” se generalizasse e passasse a representar todos os habitantes do estado do RS como título gentílico. (ARMANDO, 2014, T. I, p. 392) De acordo com Oliven (*apud* Caramello, 2004, p. 3),

O que ocorreu foi uma ressemantização do termo, através do qual um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade regional.

No entanto, o reinado gaudério, tão fortemente sustentado pelos atributos míticos vivos na tradição oral até hoje, não se manteve por muito tempo. O início da modernização, especialmente na área rural, no final do século XIX, renegava a segundo plano o árduo trabalho agrícola, tornado obsoleto pela expansão do capitalismo e, conseqüente, evolução tecnológica.

O rei dos pampas, com seu orgulho e saudade levados a tiracolo, vê-se desalojado de seu paço imperial, renegado à fome e à miséria, forçado à fuga para as cidades, em uma vida laboriosamente precária. Surgia, dessa forma, o *gaúcho a pé*, já retratado nas obras de Cyro Martins. É também dessa época, meados do século XX, conforme Gonzaga (1980), o surgimento dos primeiros CTGs, em que o antigo trono gaudério buscava ser restaurado pela rememoração dos bons tempos, pela exaltação dos costumes e fortalecimento das qualidades tão recentemente desmerecidas.

Caramello (2004, p. 3) corrobora com os dados apresentados por Gonzaga quanto à inauguração dos primeiros “clubes temáticos do tradicionalismo gaúcho”. Segundo a autora (CARAMELLO, 2004, p. 3), esses centros foram responsáveis por uniformizar os costumes, história e vestimenta predominantemente aceitos por esse povo. Para além dessa padronização, Luvizotto (2009, p. 25) atribui mais um valor a essas sociedades, o de resgatar o 20 de setembro como elemento patriótico a ser comemorado.

Quando do surgimento dos CTGs, segundo Armando (2014, T. III, p. 326), “[...] era de tentativas de ‘ressureição’ que se tratava; logo, relativas a algo morto. Ora, o ‘morto’ – o ‘gaúcho’ – foi obrigado a fingir-se vivo”. (grifos da autora). Essa

necessidade de ressuscitamento leva a crer que – conforme apontado em Armando (2014, T. I, p. 223) – a figura mítica do gaúcho torna-se cada vez mais fantasiosa na proporção em que se distancia da realidade que evoca, na escassez (ou inexistência) cada vez maior de sujeitos como os que representa. Isso, para Duarte (2003, p. 2), reflete “um movimento em sentido contrário” ao de mitificação, na medida em que, “[...] roubando ao mito sua heroicidade, desloca-o para a vida cotidiana, resgatando a possibilidade de identificação com o homem comum”, aquele que bem poderia ser encontrado na zona rural de qualquer outra parte do Brasil, por exemplo, o caipira em São Paulo. Nesse sentido, passamos de um indivíduo estritamente delimitado pelas suas qualidades heroicas para um brasileiro definido de modo mais genérico, um tipo social que, havendo as devidas condições determinantes do ambiente, cotidiano e cultura, poderia muito bem desenvolver-se em outros locais, ou até mesmo, em todo o território brasileiro.

Nas obras literárias mais contemporâneas, já não é mais possível encontrar a antiga e excessiva exaltação da figura do *monarca das coxilhas*. Não que o mito tenha sido perdido, ele apenas “[...] evoluiu, enriqueceu-se de novos elementos”, de acordo com Marobin (1985, p. 56). Em sua tese, Rubert (2010, p. 130-131) complementa a ideia ao afirmar que, mesmo mantendo suas “partículas de gauchidade”, essas são agora representadas de forma muito mais realista, não se restringindo a cenas de confronto, mas à vida como um todo. Essa notória evolução no modo de conceber um tipo social pode, também, ser verificada na transmigração da visão europeizada do brasileiro como símbolo identitário nacional para a construção e veiculação dos sujeitos-tipo regionais, como já apontado em Lobato (1994, p. 166) no que concerne à caracterização do caipira paulista.

De acordo com Armando (2014, T. I, p. 332), já nas obras de Alcides Maya é possível identificar o declínio da valorização do *monarca das coxilhas*, que, mais tarde, será acentuado na trilogia do gaúcho a pé de Cyro Martins, em que “Cyro leva à cena uma fase da expansão dos latifúndios, mostrando o quanto, ante ela, é dolorosa a impotência dos desvalidos do campo.” (ARMANDO, 2014, T. I, p. 349).

Marobin (1985, p. 187) reforça a degradação dos antigos monarcas, chamando atenção para a fuga às cidades, prática frequentemente representada pela literatura contemporânea e tornada obrigatória para esses sujeitos que não mais detinham qualquer poder, tampouco terras em que pudessem deixar as sementes do sucesso de outrora.



Apesar de toda essa degradação e perda do reinado, para Ornellas (*apud* Armando, 2014, T. I, p. 373), “[...] o gaúcho ainda resiste, na sua última cidadela, embora despilchado, maltrapilho e melancólico, mas aferrado à tradição moral em que nasceu e em que viveu”. Mesmo que o mito perdure até hoje, com a expansão do latifúndio, as pequenas propriedades rurais dos mais próximos representantes do antigo *monarca das coxilhas* foram sendo, aos poucos, tomadas. Com isso, às figuras míticas de outrora foi renegado o sufocamento do reinado à superpopulação das favelas citadinas (ARMANDO, 2014, T. I, p. 138-139).

De ladrão de gado, a rei e a modesto agricultor familiar, vítima de desmerecimento e chacotas acerca de sua suposta brutalidade e ignorância, ou ainda habitante citadino localizado às margens dos grandes centros de poder e influência, terá sido a semântica de *gaúcho* cíclica, a ponto de resgatar hoje o desprezo e a repulsa aos primeiros sujeitos reconhecidos pela denominação de gaudérios?

### 3. FRUTO DA MAIS PERFEITA RECEITA: AS VARIÁVEIS QUE COMPÕEM A POPULAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE

*Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:*

*Pilar da ponte de tédio*

*Que vai de mim para o Outro*

**Mário de Sá-Carneiro**<sup>4</sup>

Assim como na maior parte do Brasil, o estado do Rio Grande do Sul, além de rico em recursos e belezas naturais, contempla uma diversidade cultural muito expressiva, o que é reflexo dos diferentes povos que fazem parte da composição da população gaúcha.

Desde o início da colonização brasileira pelos portugueses e espanhóis, operou-se uma grande miscigenação de povos em nosso país. O RS, como tantos outros estados brasileiros, comportou, em sua formação populacional, indivíduos oriundos de distintos lugares e culturas.

Entre os povos que compuseram a atual população sul-rio-grandense, estão diversas tribos indígenas, os espanhóis e hispano-americanos, os lusitanos e os imigrantes vindos no século XIX com a intenção de embranquecimento brasileiro, quando da falta de mão de obra – pós-abolição da escravatura – e da supremacia negra na população existente no Brasil na época. (ARMANDO, 2014, T. I, p. 107-108 e ARMANDO, 2014, T. III, p. 119).

De modo geral e de acordo com Marrero (2006, p. 13), “ainda que o Rio Grande do Sul tenha uma notável diversidade interna, existe uma tendência a associar seus habitantes a um único tipo social: o cavaleiro e peão de estância que representa a clássica figura do gaúcho”. No entanto, sendo esse estigma desenvolvido por volta do século XVIII, quando nem todos esses povos – especialmente os imigrantes europeus – se encontravam aqui e, como tal, não tomavam parte das características elencadas em relação aos primeiros pampeanos, é de se pensar se ele seria amplo o bastante para abranger todas essas novas

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTI0MDM4/>. Acesso em: 01/05/2019.

culturas ingressantes ou se, por um motivo ou outro, acabou se sobrepondo e impondo seu título gentílico sobre os novos sul-rio-grandenses.

Segundo Marobin (1985, p. 43), foi exatamente “[...] da mescla de raças e culturas que proveio o tipo inconfundível do ‘monarca das coxilhas’.” (grifo do autor). Para ele, foi a miscigenação o que tornou possível o surgimento desse indivíduo forte e adaptado ao seu meio. Armando (2014, T. I, p. 110-111 e p. 196), concordando com a afirmação do autor supracitado, ressalta a contribuição dos indígenas na composição da tradição gaúcha, dando especial destaque para os Minuanos – que afirma serem os antecessores diretos do gaúcho – e os Charruas. Aos primeiros é atribuída a indumentária, enquanto aos segundos merece destaque as boleadeiras, arma muito empregada no estado no trato com os bovinos. Aos indígenas, de modo geral, também são reivindicados a cuia e o hábito de tomar chimarrão.

Partindo de um brilhante estudo de Marrero (2006) sobre análise genética de espécimes humanos do RS, é possível observar que, muito além das heranças culturais, habilidades com os animais, vestimentas e convenções, existem semelhanças e conexões ainda mais profundas entre o passado e seus herdeiros modernos.

Encontrando uma porcentagem de 51% de descendência materna ameríndia na amostra referente à região do Pampa, a autora comenta que “nível tão elevado de contribuição nativa só foi anteriormente detectado em populações do norte do país, o que faz do Pampa o mais extraordinário reservatório de linhagens ameríndias fora da Amazônia”. (MARRERO, 2006, p. 153) O resultado da pesquisa vem corroborar a afirmação de Luvizotto (2009, p. 23), de que “os gaúchos originam-se da transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres guaranis”.

As conclusões obtidas a partir dessa excelente tese da área de Genética e Biologia Molecular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) são sobremaneira interessantes no que tange à mais que necessária valorização e reconhecimento dos povos nativos. Além disso, nos levam a indagar, mais uma vez, acerca da atuação dos imigrantes europeus na formação identitária de um estado que, mesmo antes de sua vinda, já parecia estar um tanto quanto definido cultural e geneticamente.

Em um texto, cuja autoria é atribuída a Simões Lopes Neto, trazido por Armando (2014, T. II, p. 417-418), é possível observar brevemente as divergências causadas pela miscigenação de povos no Brasil e a busca por uma identidade única, que pudesse contemplar toda essa população brasileira, o que pode ser observado no trecho a seguir, o qual mantêm a sua escrita original:

No Brazil, há brasileiros e não teuto-brasileiros, nem ítalo, nem luzo, nem espano nem franco nem anglo-brasileiros [...] [e], como sócios da comunidade nacional, constituída, nenhum – sub lege – pode invocar – origens – para pretender estabelecer critérios.

Ainda de acordo com essa afirmação atribuída a Simões, é justamente a diversidade de povos o que tornou possível o surgimento do sujeito brasileiro como hoje ele se apresenta.

Para Armando (2014, T. I, p. 127-128), a forte imigração europeia para o RS contribuiu para a distinção desse estado em relação aos demais, no que se refere a um suposto clichê de europeizado. Entretanto, para a autora (ARMANDO, 2014, T. I, p. 127-128), não há colaboração dos imigrantes para a formação da típica cultura gaúcha, a qual já se encontrava em pleno processo de perpetuação quando da migração ariana. Pelo que se pode compreender houve, inclusive, um processo contrário, em que a vinda desses imigrantes favoreceu o desenvolvimento da agricultura e posteriormente do latifúndio, o qual foi, na sequência, uma das principais causas para a marginalização do monarca da coxilha, expulso de seu reino pela miséria e falta de chão onde reinar.

De acordo com Armando (2014, T. III, p. 136), as facilidades concedidas aos colonos na aquisição de terras e ferramentas propulsionou o seu rápido avanço na área agrícola. Enquanto isso, os produtores rurais nacionais enfrentavam sérias dificuldades e, não tendo a devida ajuda do governo, viram-se rapidamente superados pelos lucros dos imigrantes estrangeiros. O decréscimo do prestígio econômico, aliado com a possibilidade de perda de identidade, ocasionada pelo ingresso de uma cultura totalmente distinta àquela adotada no RS da época, pode ter dado origem a certa repressão aos novos habitantes gaúchos, conforme comentado pela autora (ARMANDO, 2014, T. III, p. 29-31), de que “[...] viam-se (ou supunham-se) ameaçadas as bases econômicas e o poder político do setor rural tradicional; assim, da categoria social hegemônica no RGS”.

Conforme aponta Armando (2014, T. III, p. 193-194), “a situação geográfica e a dificuldade inicial quanto a meios de comunicação fizeram com que, nos primeiros tempos, não tenha sido possível a integração [dos colonos com o restante da população]”. Mas, de acordo com ela (ARMANDO, 2014, T. III, p. 193-194), após um período inicial de ambientação e uma conseqüente necessidade de convivência, os imigrantes, evoluindo na agricultura e produzindo seus próprios produtos, passaram a se fechar em sua cultura e língua, abrindo, inclusive, escolas próprias para a alfabetização de seus filhos no seu idioma europeu.

Luvizotto (2009, p. 19-20) completa essa afirmação, lembrando que “ainda que estivessem vivendo em outro país e tendo contato com outras culturas, a cultura germânica sempre falava mais alto aos ouvidos dos imigrantes.”

Nesse isolamento e perpetuação das raízes culturais, é possível verificar o quão difícil deve ter sido o perfeito entrosamento de duas populações culturalmente fortes e completamente distintas.

Por fim, segundo Oliven (*apud* Oliveira, 2003, p. 242), após anos de (con)vivência, “os imigrantes estrangeiros [...] passaram a idealizar o gaúcho como tipo socialmente superior. Assim, se identificar como ‘gaúcho’ significava, para o colono, uma forma de ascensão social.” (grifo da autora). Frente a isso, Oliveira (2003, p. 244) comenta que “o que legitima o *status* mais alto não é a história, mas o sucesso.”

Ainda sob a égide de ameaça de perda da identidade, Armando (2014, T. III, p. 274) levanta a hipótese de que a questão da imigração europeia – com suas novas culturas, línguas e progressos – colaborou em muito para o surgimento do regionalismo – nossa próxima temática a ser abordada –, em uma tentativa de exaltação e conseqüente preservação das tradições nacionais.

#### 4. ESTRANHO NO NINHO TAMBÉM PIA: O REGIONALISMO ATÍPICO DO RS

*Gaúcho é mais que um nome, ou um tipo, ou um símbolo. É uma atitude mental, um esquema psíquico, que atua no subconsciente e no consciente<sup>5</sup>.*

Estudar obras literárias é um árduo trabalho, haja vista que são inúmeros os aspectos que podem se encontrar nelas presentes e direcionar ou, pelo menos, evidenciar alguns pontos na compreensão daquilo que está sendo retratado.

Um dos traços marcantes que caracterizam uma obra é a sua possível vinculação com determinados espaços, povos e culturas.

Neste trabalho, usaremos a definição de regionalismo proposta por Zilberman (1992, p. 47), a qual afirma que:

A noção de literatura regional tanto pode indicar a produção literária oriunda de regiões delimitadas (sic) que pertencem ao território nacional, como dar conta de um tipo de temática específica associada a uma área geograficamente mais distante do(s) centro(s) cultural(ais) e urbano(s), sendo, por esta razão, rural de preferência.

Tal caracterização, além de contemplar uma interpretação maior do termo, encontra-se bastante vinculada com a expressividade em relatar o espaço rural, tema do presente estudo. Frente a isso, é possível, também, completarmos com a ideia de que, quando intrinsecamente relacionada com a ambientação ruralista, a concepção de regionalismo se encontra associada a noção de cor local, definida por Rubert (2010, p. 49), como a constituição de um “[...] tipo humano escolhido, da linguagem, dos costumes e, também, de um aspecto ideológico.”

Pereira (1957, p. 179) completa essa afirmação com a prerrogativa de que os tipos normalmente contemplados nessas obras são, além de advindos de lugares, por vezes, inóspitos, também possuidores de hábitos e costumes que se distinguem daqueles adotados pela “civilização niveladora”. A opção pelos povos mais rústicos se dá, também, segundo Pelinser (2015, p. 40), porque esses seriam “[...] os brasileiros mais legítimos, mais próximos das raízes do povo, [e] que estariam, por conseguinte, mais aptos a representar a nação dentro dos ideais românticos.”

---

<sup>5</sup> MAROBIN (1985, p. 54).

A partir disso, vale acrescentar o comentário de Murari (2010, p. 160), sobre a relevância desse tipo de literatura:

Como uma das mais prolíficas correntes da produção cultural brasileira, a literatura regionalista assumiu grande relevância para a caracterização da heterogeneidade do país, para a representação dos grupos sociais marginais em relação ao processo de modernização produtiva e para a incorporação do patrimônio simbólico das camadas populares interioranas ao imaginário nacional.

No que se refere, especificamente, ao estado do RS, somado à colonização diversificada, já expressa anteriormente por Armando e demais autores, o forte caráter regionalista manifestado na literatura sul-rio-grandense colabora na perpetuação de uma particularização ainda maior dos gaúchos em relação aos demais brasileiros e, inclusive, a movimentos separatistas.

Segundo Oliven (*apud* Caramello, 2004, p. 4), “manter a distinção entre o Rio Grande do Sul e o Brasil seria uma forma de preservar a identidade cultural do estado”. Frente a isso, a criação dos centros tradicionalistas já anteriormente ressaltados “[...]permite que os gaúchos se reconheçam como um grupo diante do restante da sociedade, ou seja, aqueles que seriam ‘os outros’”, conforme aponta Luvizotto (2009, p. 86, grifo da autora)

Armando (2014, T. I, p. 292) corrobora com essa afirmativa ao alegar que uma das incitações para a criação do mito de gaúcho – e por que não do início da literatura regionalista – é “[...] o desejo de fazer-se reconhecer no contexto nacional”, haja vista que o RS, desde o começo, pela colonização espanhola e, posteriormente, pela forte imigração europeia, foi considerado quase um estranho no ninho brasileiro.

De acordo com Zilberman (1992, p. 42), o indianismo, primeira vertente do Romantismo brasileiro, assume, no RS, importância sobremaneira, haja vista que “[...] a partir dele se consolida a figura do gaúcho [descendente direto do aborígine com base em suas características], encetando o regionalismo sul-rio-grandense” e a gradativa substituição do índio como símbolo nacional por tipos peculiares de cada região brasileira.

Ainda consoante a autora (ZILBERMAN, 1992, p. 44), a literatura de caráter regional, que se desenvolveu no RS a partir da década de 60 do século XIX – mas que, segundo Armando (2014, T. I, p. 313), somente passa a ter força relevante com

a abertura da Sociedade do Partenon –, teve função dupla: na mesma proporção em que colaborava com o ideário romântico de promoção de “heróis nacionais”, também promovia o “sentimento autonomista sul-rio-grandense, que tinha como origem o episódio farroupilha”.

De acordo com Neves (*apud* Menezes, 2013, p. 16-19), o regionalismo sul-rio-grandense pode ser dividido em 4 fases: a primeira vinculada ao Romantismo e à busca por uma identidade nacional; “a segunda seria tradicional”; a terceira culmina sob as vertentes do movimento modernista; e a quarta organizada sob uma visão mais reflexiva e social, em que “é possível perceber a crítica à desestruturação da sociedade campeira, e o começo da inclusão do espaço urbano e de temáticas diferenciadas”.

Em todas essas fases, segundo Menezes (2013, p. 16), o pampa foi o espaço geográfico mais adotado na literatura regionalista, devido a sua importância histórica e fronteiriça no que concerne ao fato de ele ter sido “palco das maiores batalhas no Rio Grande do Sul”. No entanto, importante ressaltar que, embora ambientada em um espaço real, as obras literárias não irão retratar fidedignamente tudo o que engloba aquele espaço geográfico, justamente por serem literárias, ficcionais e passíveis de abarcar elementos fantásticos, fruto da criatividade do escritor. No que concerne a isso, Pelinser (2015, p. 34), lembra muito bem que “[...] a obra não se desregionaliza conforme se apontam seus espaços fictícios.” Nesse caso, real e imaginário não se contrapõem, assim como regional e universal; apenas se complementam, tornando o retrato literário ainda mais completo e aprazível. (RUBERT, 2010, p. 24)

De igual forma se dá com os povos que, segundo Duarte (2003, p. 12), “[...] mesmo inseridos em espaços diversos, possuem características comuns [que] aproximam a todos pela ânsia de compreensão e apreensão do mundo que habitam.”



## 5. SÓ FANTASMA NÃO TEM REFLEXO: A LITERATURA E SUA FUNÇÃO SOCIO-DOCUMENTAL

*O distraído escritor, ao deslizar suave das letras sobre o papel, terá em mente que sua criação, tão astutamente planejada e cuidadosamente gestada, quando lançada ao mundo nas vestes de um livro, não mais lhe pertencerá e tampouco carregará seus genes previamente objetivados? Saberá ele a revolução fantástica, moral e cívica que sua mera obstinação criativa operará na mente de seus fiéis súditos leitores?<sup>6</sup>*

A literatura, segundo Candido (1999), transcende a simples função psicológica, caracterizada na sua predisposição em contemplar a necessidade humana de manter contato com elementos ficcionais. De acordo com o autor, essa transcendência pode ser observada devido ao fato de que a fantasia sobre a qual são construídas as obras literárias não é advinda de mero acaso ou invenção e, como tal, não pode ser considerada pura. A impureza que a contamina, por sua vez, advém da associação, em menor ou maior grau, entre ficção e aspectos da realidade histórica, social e cultural em que está inserida a obra e, especialmente, o seu escritor.

Ao retratar um determinado contexto e realidade, pode-se resgatar um papel social e histórico para a literatura. No entanto, qualquer que seja essa representação do mundo concreto, ela é vista e orientada pelos propósitos e visões de quem a escreve. E, nesse sentido, poderá atuar na formação de pensamentos e posicionamentos nos leitores. A partir dessa concepção, Cândido (1999, p. 84) afirma que “[...] as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar”, resgatando, como tal, uma terceira função literária: a de instruir.

Para o autor (CANDIDO, 1999), o papel educacional da literatura se distancia do caráter pedagógico, na medida em que busca fazer um retrato da vida como ela realmente se apresenta, com aspectos positivos e negativos, com o bem e o mal.

---

<sup>6</sup> Epígrafe de autoria da própria autora deste trabalho (sem publicação anterior).

Para tanto, segundo ele (CANDIDO, 1999, p. 85), é frequente que haja livros que, embora centrados sobre um propósito genuinamente edificante e benfazejo frente aos ideais de uma sociedade, contemplam, igualmente, em sua narrativa, elementos nem sempre benquistos como, de acordo com Daie (2016, p. 2), foi o caso das produções artísticas desenvolvidas durante a Ditadura Militar no Brasil, que escondiam, em suas entrelinhas, críticas ferrenhas ao sistema governamental da época.

Frente a essa representação mais íntegra do real, é possível afirmar que a literatura “*não corrompe nem edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1999, p. 85, grifos do autor).

Armando (2014, T. I, p. 153) acrescenta que esse sentido humanizante está relacionado com a importante função de desmascaramento dos contextos que evidenciam as obras literárias e a obrigação de um “reconhecimento” do que está sendo retratado como parte da sociedade em que está abarcada ou tangenciada a narrativa.

Candido (1999) emprega como exemplo da multiplicidade de uma obra, de seus propósitos e reais interpretações a literatura regionalista que, conforme comenta, trata-se da sucessão lógica de períodos literários como o Arcadismo do século XVIII que visava à exaltação da comunidade pastoril europeia, e do Indianismo, fixado no propósito de resgatar um homem campesino americano. De acordo com esse pensamento, a vertente regionalista se encontra estabelecida sobre “[...] uma busca do *tipicamente brasileiro* através das formas de encontro, surgidas do contato entre o europeu e o meio americano” (CANDIDO, 1999, p. 86, grifo do autor).

No entanto, vale lembrar que, mesmo em obras regionalistas, não cabe à literatura o simples retrato da realidade e que, segundo salienta Armando (2014, T. I, p. 307), é imprescindível que não se esqueça de levar em consideração o fato de que “[...] o escritor também se liga a um ‘grupo social’, portador de uma visão-do-mundo”, que, na concepção da autora, ainda se encontra fortemente relacionada às classes sociais mais elevadas, cujo domínio letrado e possibilidades de escrever livros continuam maiores quando comparadas com as camadas mais inferiores da sociedade.

Tal posicionamento se relaciona diretamente com uma inquietante observação de Cândido (1999) advertindo que, por vezes, a literatura de cunho mais regional, apesar do benévolo objetivo de dar voz a um povo constantemente renegado ao silêncio de sua suposta brutalidade, acaba operando uma depravação da imagem da cultura e população rural. Nesse sentido, o autor comenta que

O tema rústico puxa para os aspectos exóticos e pitorescos e, através deles, para uma linguagem inculta cheia de peculiaridades locais; mas a convenção normal da literatura, baseada no postulado da inteligibilidade, puxa para uma linguagem culta e mesmo acadêmica. (CANDIDO, 1999, p. 86-87)

O uso comum de uma diferenciação bastante clara na linguagem empregada para a narração geral dos fatos e para a representação das falas dos personagens rurais acentua, sobremaneira, a distância existente entre o povo retratado e a civilização, marcada, muitas vezes, pela fala mais formal veiculada nos espaços citadinos, à qual se permitem pouquíssimas alterações fonéticas, lexicográficas ou de sotaque.

Além disso, para o autor (CANDIDO, 1999), o emprego desenfreado de abreviações exageradas e exaltação de supostos falares marcados por forte desvio da norma padrão para a representação dos diálogos operados pelo homem do campo “[...] contamina todo o discurso e situa o emissor como um ser à parte, um espetáculo pitoresco como as árvores e os bichos, feito para contemplação ou divertimento do homem culto, que deste modo se sente confirmado na sua superioridade”. (CANDIDO, 1999, p. 88)

Tais licenciosidades, desmedidamente impensadas e controversas com o objetivo humanizante de contemplar, também, os menos favorecidos no exercício literário, corrompem toda a valoração da literatura regionalista como tentativa de construção de uma identidade brasileira.

A verdade é que, por mais fictícia que seja, uma obra literária não consegue se abstrair totalmente do contexto em que está inserida. Isso significa que, havendo, na realidade que evoca, desigualdades sociais e atribuição de estereótipos<sup>7</sup> a classes menos favorecidas, esses aspectos, de alguma forma, se farão representar automaticamente na literatura. E nem por isso, poderá essa expressão artística ser

---

<sup>7</sup> A definição de “estereótipo” adotada neste trabalho segue a linha de pensamento adotada por Morfaux (apud Nascimento, 2017, p. 851), de que são “imagens pré-concebidas e cristalizadas, abreviadas e fatiadas, das coisas e dos seres que o indivíduo faz sob influência de seu meio social”.

condenada por suspeita de violar os direitos humanos e/ou perpetuar o preconceito e ódio a determinados povos, principalmente, quando em relação a obras que representam tempos ideologicamente distantes do nosso.

Assim como preconceitos e rótulos não são mera invenção literária, de acordo com Armando (2014, T. I, p. 151), também não é possível atribuir responsabilidade aos escritores no que concerne, por exemplo, as evoluções sofridas pelo sujeito e pela palavra “gaúcho” no decorrer da história e sobre as quais a literatura assumiu especial e importante função documentária – digníssima da análise deste trabalho de conclusão de curso.

De acordo com Pelinser (2015, p. 35), “[...] a obra parte de um espaço cultural e reincide sobre ele, reforçando, combatendo e transformando percepções”, construindo, pois, meios para que o homem possa, no retrato escrito, se conhecer verdadeiramente e assim a partir e em decorrência a ele, se necessário for, operar mudanças em si próprio e/ou na sociedade que o cerca. (ALMEIDA, 2014, p. 15)

## 6. MUITO MAIS DO QUE RELES FIGURANTE: O CAIPIRA ANALISADO EM SUAS PROFUNDAS NUANCES

*Moderniza-se para sobreviver, mas destrói-se para ser moderno.<sup>8</sup>*

Segundo Armando (2014, T. III, p. 204), a separação entre cidade e campo se fez presente desde muito cedo, à medida, principalmente, que a primeira se industrializava em uma velocidade muito maior do que a segunda. E até hoje é possível encontrarmos diferenças significativas entre os meios de vida adotados pelos moradores de cada uma dessas zonas.

Com a evolução tecnológica atingindo muito mais facilmente o desenvolvimento dos grandes centros urbanos, os poucos indivíduos que mantinham a sua tradição rural, baseados em uma vida simples e majoritariamente constituída de trabalhos manuais, passaram a se distinguir cada vez mais dos cidadãos, tidos como modernizados e evoluídos. Frente a essa desproporcionalidade de prestígio social, aos habitantes do campo é renegada à denominação pejorativa de “caipiras”.

O fortalecimento e a perpetuação dessa visão estereotipada pelas mídias sociais e pela própria literatura – que frequentemente caricaturiza esses sujeitos – deram vazão a que, atualmente, ao soar desse título, logo o associemos, como bem retrata Vasconcellos (2009, p. 70), “àqueles que, por viverem longe da cidade, são rústicos, atrasados, tolos, tontos e preguiçosos”. Mas, será essa a única verdade? Não serão eles simples homens do campo, digníssimos em seu trabalho cotidiano primordial para a manutenção da vida de toda a espécie humana?

Atencioso a essa questão, Antônio Candido, em sua tese de doutoramento, se propõe a analisar de perto as peculiaridades que verdadeiramente compõem o caipira em sua essência. Com base nesse estudo, além de ser possível compreender o porquê do surgimento de alguns dos aspectos negativos atribuídos a esse tipo humano, é-nos possível aclarar essa visão preconceituosa “[...] do homem rural como desprovido naturalmente de inteligência, interpretação que resulta da

---

<sup>8</sup> Latouche (apud Oliveira, 2008, p. 64).

ausência de uma análise realista e crítica sobre o contexto desfavorável, a que os rurais têm sido historicamente lançados”, segundo Bonomo (2010, p. 409).

Além e em decorrência dessa possibilidade de desconstrução de estereótipos, partindo do estudo de Candido (1971), torna-se possível, também, (re)conhecer o caipira nas especificações que realmente o constituem, para, a partir desse conhecimento, realizar um estudo acerca da universalidade desse sujeito, identificando características suas em tipos humanos de outras regiões brasileiras. Para tanto, fundamenta-se na hipótese de que ele não se restrinja ao interior paulista, podendo, eventualmente, ser encontrado inclusive entre os gaúchos.

Essa noção de similitude pode ser iniciada já pela definição de Candido (1971, p. 81) acerca desse povo encontrado no estado de São Paulo, caracterizando-o como “uma população dispersa, móvel, livre, branca ou mestiça, geralmente de branco e índio, com pouco sangue negro”.

Como visto em capítulos anteriores, a herança genética do *monarca das coxilhas* é bastante semelhante, inclusive em relação ao elemento negro, que também não teve muita representatividade no RS, conforme aponta o estudo de Marrero (2006). Em relação à questão da imigração de diferentes povos a partir do século XIX para os dois estados – RS e SP –, esse aspecto não pode ser levado como um elemento diferenciador nesse caso, pois como também visto anteriormente, a constituição do gaúcho enquanto sujeito já se encontrava praticamente conclusa quando da vinda dos novos habitantes europeus. No entanto, levando em consideração que a hibridização do brasileiro é bastante semelhante em todo o território, a simples origem comum não possui força suficiente para tecer tamanha afinidade entre caipiras paulistas e gaúchos.

Outros aspectos que caracterizam a sociedade caipira, consoante Candido (1971, p. 36), são a sua intrínseca relação e dependência no que tange ao meio natural que os abriga e a economia voltada para a subsistência, lembrando em muito os povos nativos brasileiros, fundamentados na harmonia com a natureza e sua consequente preservação, bem como a preocupação econômica, especialmente alimentar, voltada para o momento presente, em uma concepção de mínimo vital.

Para além dessa noção determinista que orienta a dieta e sobrevivência caipira, mais elementos de semelhança podem ser elencados em comparação com os hábitos e organização estrutural dos aborígenes brasileiros, com base na tese *Parceiros do Rio Bonito* (1971, p. 37 e 62). Dentre esses, a predisposição nômade e

aventureira – também observada nos primeiros pampeanos – e a adoção do sistema de aldeamento: pequeno “[...] agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas”. Segundo o autor (CANDIDO, 1971, p. 67-68), o mutirão de ajuda mútua entre os vizinhos é prática comum e quase indispensável na sociedade caipira, em que as tarefas na lavoura demandam muita mão de obra.

Mesmo adotando técnicas rudimentares e baseando-se em uma sociedade de autossuficiência, partindo do estudo de Oliveira (2003, p. 240), é possível afirmar que “historicamente, a civilização caipira foi dominante até o século XIX”. Tal aspecto parece intensificar ainda mais o caráter leviano da adoção de um estereótipo altamente negativo para uma geração tão próxima a nossa e responsável direta na e pela formação econômica e social brasileira.

Com o advento da globalização, os camponeses, não conseguindo se adequar tão bruscamente às mudanças, acabaram por perder quase todo o seu prestígio social, haja vista que enquanto “as camadas superiores [de SP] puderam afazendar-se graças à cana-de-açúcar e ao braço negro, as demais contribuíram com uma quota apreciável de desocupados, de aventureiros deixados sem enquadramento”. (CANDIDO, 1971, p. 85-86). Juntamente com a falta de terra em que pudessem trabalhar, o fato de serem autossuficientes e não comercializarem suas mercadorias colaborava para a existência de horas vagas de serviço, o que acabou se convertendo no estereótipo de que o caipira é preguiçoso.

Processo semelhante ocorreu com os gaúchos quando da expansão do latifúndio, que os deixou à margem como aventureiros e vagabundos. Pode-se dizer que essa inadequação/exclusão acometeu os habitantes sul-rio-grandenses, pelo menos, duas vezes durante a sua formação identitária como um dos tipos humanos mais bem definidos do país. A primeira remete, como abordado no capítulo um deste trabalho, à estereotipação conferida aos representantes primevos do *monarca das coxilhas* que, resistentes à padronização arrolada pelo avanço do capitalismo e consequente apoderamento das terras, se viram obrigados a agir clandestinamente em favor de sua sobrevivência. A segunda, por sua vez, pode ser observada quando da queda do império pampeano, em que, perdendo suas posses para o eclodir da modernização do meio rural, o gaúcho, agora a pé, se vê forçado a migrar para os grandes centros urbanos para viver em condições, por vezes, quase subumanas –

conjuntura também habitual aos pequenos proprietários rurais do estado de SP, conforme nos aponta Candido (1971, p. 185).

Com a constante urbanização, além da desvalorização moral, a sociedade caipira acaba se vendo afetada muito violentamente em diversos outros aspectos condizentes ao seu modo de vida. A autossuficiência, prática corriqueira desse povo, deixa praticamente de ser uma opção, fazendo com que esse tipo humano dependa “cada vez mais da vida nas cidades”. (CANDIDO, 1971, p. 142). Armando (2014, T. III, p. 204) e Bonomo & Souza (2013, p. 408) salientam outros reflexos dessa dependência citadina, principalmente concernentes à formação escolar e a melhores possibilidades de colocação do mercado de trabalho. De acordo com Armando (2014, T. III, p. 204), com o advento da modernização, tornou-se comum que os filhos das zonas rurais buscassem cada vez mais o ambiente urbano, “assimilando-se” de acordo com os costumes deste, com o objetivo de “subir na escala social”, ao valer-se das evoluções pessoais e profissionais que esse novo ambiente era capaz de lhes ofertar.

No entanto, conforme lembra Marschner (2015, p. 395), essa busca por adequação/assimilação torna-se um perigo para o perpetuar dos costumes de povos rudimentares, que, pela constante substituição, terminam renegados ao esquecimento. Candido, em sua tese (1971), exemplifica muito bem essa desaparecimento cultural promovida pela padronização do mundo civilizado. Para ele,

A cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada das formas de cultura por eles condicionada. (CANDIDO, 1971, p. 82)

É possível afirmar que isso também ocorre com o gaúcho, em que o processo de evolução, leia-se urbanização, acaba com os ideais primários de uma cultura forjada por tantos anos. Não que se levante a hipótese da perda completa do mito do *monarca das coxilhas* e de todas as qualidades a ele elencadas, mas a inexistência atual de sujeitos idênticos aos idealizados pelos CTGs, delimitados por características, hábitos e vestuários bastante específicos e cumpridos à regra no dia a dia.

Outro aspecto de semelhança que pode ser enumerado é que, assim como ocorre com os gaúchos, os caipiras, frente à globalização e ao desprestígio por ela



acarretado, também apresentam, conforme relata Candido (1971, p. 193-195), um “[...] saudosismo transfigurador – uma verdadeira utopia retrospectiva” de um passado mais próximo dos três elementos fundantes de sua cultura: “abundância, solidariedade, sabedoria”. Esse desejo de volta às origens, essa boa lembrança “é sua maneira de criar uma idade de ouro para o tempo onde funcionavam normalmente as instituições fundamentais da sua cultura, cuja crise lhes aparece vagamente como fim da era onde tinham razão de ser como tipos humanos” (CANDIDO, 1971, p. 195). A partir dessa visão adotada pelo autor (CANDIDO, 1971, p. 195), seria possível afirmar que o saudosismo, assim como o processo de “ressurreição”<sup>9</sup> promovido pelos CTGs no RS, remonta a um momento histórico de êxtase na sociedade caipira, em uma espécie de “monarquia” que poderia ser comparada com a dos gaúchos. De igual forma também ocorre a crise, a queda do mito de ambos os tipos humanos, caipira e gaúcho, promovida pelo avanço do latifúndio e a conseqüente desapropriação de terras e êxodo rural voltado às periferias das grandes cidades.

Destarte, muitos aspectos que denotam o caipira paulista podem ser, facilmente, reconhecidos quando comparados com o surgimento do gaúcho, sua cultura e as evoluções que este vem sofrendo no decorrer da história. Teoricamente, são sujeitos muito próximos, mas e literariamente? Em outras palavras, um Jeca Tatu também se encontra a escavar os pagos das bibliotecas do sul brasileiro?

---

<sup>9</sup> Na concepção supracitada de Armando (2014, T. III, p. 326).

## 7. NÃO SÓ DE EMÍLIAS SE FAZ UM LOBATO: A REPRESENTAÇÃO CARICATURAL DO CAIPIRA PAULISTA

*Nômade, marginal, arcaico e debochado, Jeca Tatu é metáfora do brasileiro simples.*<sup>10</sup>

Uma das representações nacionalmente mais (re)conhecidas do homem do campo é a adotado por Monteiro Lobato, centrada na figura de Jeca Tatu, veiculada em seu artigo *Urupês*. Fazendo uso dessa importantíssima fonte histórica e social, englobando nela os aspectos pejorativos que representa, busca-se realizar um estudo das características que compõem o sujeito caipira, de modo que seja possível realizar uma comparação com as especificidades atribuídas ao gaúcho a pé e a suas versões subsequentes. Tal estudo permitirá observar a existência ou não de semelhanças entre esses dois tipos humanos tão específicos, bem como investigar se resquícios caricatos dessa obra atemporal resistem até hoje na literatura e influem na construção de uma identidade vilipendiosa para a população rural mais carente de posses.

No que se refere às críticas por vezes atribuídas a Lobato acerca da presença de elementos preconceituosos em suas obras, valendo-se do posicionamento de Armando (2014, T. II, p. 224), tem-se ciência de que analisar livros escritos e/ou ambientados em períodos históricos distintos dos quais tomamos parte é, sem dúvida alguma, uma tarefa árdua e que não deve ser realizada de forma leviana e descontextualizada, a fim de que não se recaia na condenação de obras conhecidas apenas superficialmente. Outro aspecto que justifica a necessidade de uma análise aprofundada é que, “[...] a realidade rural tem sido marcadamente pensada a partir de uma matriz urbanocêntrica”, conforme aponta Bonomo (2010, p. 215).

Apesar, muitas vezes, da adoção de uma visão de fora, “o espaço rural figura na ficção brasileira desde os seus primórdios, tendo sido apropriado por autores das mais diversas vertentes”, segundo afirma Almeida (2014, p. 39). Durante a construção literária brasileira foram muitas as perspectivas empregadas em relação ao ambiente campesino, ora associado a uma “forma natural de vida” ora rechaçado como defasado. (ALMEIDA, 2014, p. 40).

---

<sup>10</sup> Marschner (2015, p. 410).

Ainda de acordo com a Almeida (2014, p. 42), uma das correntes literárias brasileiras que mais se valeu da representação do espaço rural foi o Romantismo, em sua busca por uma identidade nacional que levasse em consideração os tipos humanos verdadeiramente brasileiros. No entanto, com o advento do Modernismo e de uma representação mais realista das problemáticas sociais, o ambiente rural aparece com um novo semblante, “mais frágil” frente à crescente modernização.

Uma das representações mais conhecidas e, possivelmente, mais polêmicas, do homem rural veio à tona com o mestre da literatura infantojuvenil, Monteiro Lobato, em 1918, com a publicação do livro de contos *Urupês*, segundo Alves Filho (apud Vasconcellos, 2009, p. 15). Esse lançamento foi, conforme apontam muitos teóricos<sup>11</sup>, um verdadeiro marco no retrato difundido pela literatura acerca da população agrária, na medida em que, ultrapassando os limites do raso ufanismo até então divulgado, abriu espaço para uma caracterização mais verídica desse povo juntamente com todas as suas mazelas. “O Jeca, como um anti-herói, é chamado de ‘piolho da terra’ e ‘orelha de pau’, e sua caracterização se contrapõe aos que idealizam os índios, os caboclos, os caipiras.” (OLIVEIRA, 2003, p. 234)

É importante considerar as evoluções que Lobato atribuiu, no correr do tempo, a esse “anti-herói”, que, de forma alguma, permaneceu estanque frente aos movimentos sociais e literários que continuamente eram implantados no país.

Conforme salienta Simões Filho (2009, p. 63), a partir da publicação de *Problema vital*, em 1918, Lobato revê sua anterior visão extremamente negativa do caipira e passa a tecer uma crítica à “política brasileira, à falta de saneamento e ao abandono do homem do campo”, causas essas que, segundo supõe o mestre da literatura infanto-juvenil, eram responsáveis pelo estado precário em que se encontrava o pobre habitante do campo. Surge, dessa forma, o Jeca Tatuzinho, um sucesso de divulgação nacional, quando de sua associação com o Laboratório Fontoura e transformação da “narrativa numa espécie de texto publicitário a serviço da campanha de saneamento do país” (SIMÕES FILHO, 2009, p. 66).

Mais tarde, sob influência das vertentes comunistas, surge a terceira face do caipira, Zé Brasil, a partir de 1947. “Nessa reavaliação, [Lobato] procederá a uma evidente autocrítica à sua visão preconceituosa, à sua cegueira, ao mesmo tempo

---

<sup>11</sup> Leitão (2007, p. 196); Landers (apud Leitão, 2007, p. 169); Carneiro (2014, p. 8); Ceccantini (apud Carneiro, 2014, p. 4); Vasconcellos (2009, p. 14).

em que indica a distribuição das terras como solução da injusta condição do camponês do Brasil” (SIMÕES FILHO, 2009, p. 70).

Tais evoluções desenvolvidas acerca do caipira foram sobremaneira importantes, na medida em que contribuíram “para uma pluralidade de visão e de revisão do homem rústico do Brasil” (SIMÕES FILHO, 2009, p. 73). No entanto, segundo comenta Lima (1997, p. 15),

É curioso observar que a espécie de auto-crítica (sic) realizada por Monteiro Lobato em 1947, com a criação do personagem Zé Brasil, não conseguiu apagar a força simbólica que adquiriu Jeca Tatu [e] que fez inclusive Viana Moog (1953, p. 50) observar ser o Jeca ‘o único símbolo popular realmente vivo na literatura brasileira’. (grifo do autor).

Para Armando (2014, T. II, p. 381), a caricatura desenvolvida por Monteiro Lobato acerca do homem do campo alcançou uma importância tamanha “[...] a ponto de ‘jeca’ se ter tornado um substantivo comum” (grifo da autora), cujo significado é, atualmente, - e, por que não, graças à amplidão das obras regionalistas desse escritor – facilmente identificado e veiculado em todo o território nacional como representante do suposto intérprete mais fidedigno do típico caipira<sup>12</sup>.

O sucesso da obra foi tão grandioso, de acordo com Vasconcellos (2009, p. 14 e 21), que, “o Jeca Tatu [...] iniciou sua trajetória simbólica designando um segmento específico do povo brasileiro e localmente restrito – o agregado ou caipira –, mas evoluiu, passando a simbolizar [também] o povo brasileiro em geral”.

Apesar de toda essa importância sócio-histórica de revelar verdadeiramente uma parcela da população que até então era encoberta pelo perfeccionismo ufanista, a obra de Lobato, como inevitavelmente pertencente a sua época, não deixa de evocar alguns aspectos negativos comuns naquele ideário contextual. Tais aspectos são, por vezes, empregados para desmerecer o autor e associá-lo à construção e perpetuação de uma visão caricata do caipira como pode ser observado nos estudos de Campos-Toscano et. al. (2014, p. 18 e 33), Aleixo (*apud* Bonomo, 2010, p. 43) e Vasconcellos (2009, p. 14, 20 e 34). Simões Filho (2009, p. 61) comenta, inclusive, que

Com a visão ofuscada pela perspectiva naturalista, Monteiro Lobato não se apercebe de que a sua experiência com o caboclo paulista o induz não à literatura autêntica que deseja, mas a uma literatura organizada por um olhar senhorial, extremamente depreciativa em relação ao caboclo e ao seu mundo.

---

<sup>12</sup> Posicionamento semelhante pode ser observado em Torrecillas (2008, p. 4).

Esses aspectos negativos que promovem a diferenciação social e consequente desmerecimento da população rural, embora, transcorrido tanto tempo, ainda hoje permanecem vivos e são continuamente reforçados nos mais diversos meios midiáticos – como nas telenovelas apontadas por Schnorr (2011, p. 3) e, inclusive, nas festas juninas, digníssimas pertencentes do calendário anual de muitas escolas brasileiras, conforme lembra o estudo de Campos (2007). Essa perpetuação leva a crer que não se trata de posicionamentos pejorativos inventados por escritores como Monteiro Lobato, mas reflexos de toda uma sociedade altamente preconceituosa<sup>13</sup> e que, conforme Campos (2007, p. 596), valendo-se de um estudo de José de Souza Martins, levanta a hipótese de que, historicamente a suposta superioridade urbana só pôde ser atingida por meio da inferiorização, leia-se estereotipação, da vertente rural.

Levando em consideração os prejuízos advindos dessa potencial possibilidade da literatura e do cinema em “[...] formular consensos, naturalizar ou desconstruir relações de dominação, tais como as que subalternizam o rural ao urbano” (MARSCHNER, 2015, p. 410), abrir-se-á espaço, em um breve subcapítulo, para uma explanação mais detalhista do modo e de porquê surgem e são veiculados os estereótipos sociais, com especial destaque para os relacionados com os caipiras. Na sequência, dar-se-á seguimento ao discorrer do trabalho, por meio da concretização da análise das obras propostas, explanando sobre aspectos que permitem realizar uma aproximação entre o caipira representado literariamente por Monteiro Lobato e as versões mais recentes empregadas na especificação do gaúcho contemporâneo nas narrativas sul-rio-grandenses elencadas para a realização desta pesquisa.

---

<sup>13</sup> Para saber mais, ver Schnorr (2011, p. 4) e Moscovici (*apud* Bonomo, 2010, p. 347).

## 7.1 A desgraça da graça

*O estereótipo naturaliza o que já existe na sociedade e esconde o cultural<sup>14</sup>.*

Assim como ocorre com outros tipos marcados socialmente, o povo rural é objeto claramente empregado em muitas expressões literárias e artísticas que visam ao divertimento geral, ressaltando supostas características de cunho extremamente pejorativo atribuídas a essa população.

Piadas, charges e caricaturas cumprem sua finalidade específica, no entanto, ao representarem depreciativamente esses indivíduos cooperam, também, para a disseminação de uma imagem negativa, o que culmina na construção de estereótipos e preconceito social.

Segundo Nascimento (2017, p. 852), “[...] a estereotipia e o preconceito são concebidos a partir de relações socio-historicamente construídas entre sujeito, linguagem, ideologia, história e sociedade”. Marschner (2015, p. 408) colabora com essa afirmação destacando que esse tipo de relação – negativa no caso – advém, inclusive, da formação populacional de um país, que, quanto mais diversificada for, mais haverá propensão a conflitos, haja vista a necessidade de lidar com o diferente. Essa definição corrobora o pensamento de Armando (2014, T. II, p. 396) de que “[...] ri-se daquilo que foge a um modelo estabelecido”, no caso em questão, o protótipo humano dito civilizado, atuante em meio às inovações tecnológicas, residente nos grandes centros globalizados, com formações acadêmicas gloriosas e empregos de grande influência.

Em contraste com esse sujeito miticamente perfeito e esperado como grande representante de uma sociedade moderna, quem mais se desassemelha é o pobre homem do campo marcado na pele e na fala<sup>15</sup> pela clarividência de sua origem. E essa distinção acomete desastrosas consequências a essa população, que, com o passar do tempo, se vê renegada ao senso comum, que regularmente lhe prega supostas atribuições negativas, tais como a de ser “um sujeito abobalhado, desconfiado, violento, preguiçoso, que não sabe se vestir conforme o local ou se comportar em grupo.” (CAMPOS-TOSCANO et. al, 2014, p. 13).

---

<sup>14</sup> Schnorr (2011, p. 6).

<sup>15</sup> Como retrata Bonomo & Souza (2013, p. 441).

O estudo realizado por Bonomo & Souza, na área da psicologia (2013, p. 415), deixa transparecer inúmeros impactos degenerativos advindos da divulgação e perpetuação dessa visão pejorativa dos habitantes rurais. “As experiências de preconceito [...], a inacessibilidade a recursos importantes para as novas gerações, especialmente o estudo, e a própria desvalorização da imagem do *homem do campo*” (grifos das autoras) são apenas algumas das sequelas<sup>16</sup> que diariamente martirizam e inferiorizam aqueles que, querendo ou não, são o sustento de toda a população.

---

<sup>16</sup> Bonomo (2013, p. 193) ressalta ainda o quão prejudiciais podem ser esses estereótipos quando analisados sob o viés das políticas públicas que, eventualmente, desconhecendo a real situação dos habitantes do campo, não são capazes de lhes favorecer quaisquer crescimentos pessoais, econômicos ou profissionais.

## 8. DOS TRAJOS AOS FARRAPOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

*“Sabem muito pouco para sobreviver, apeados e despilchados”<sup>17</sup>.*

Apesar da concepção regional dos tipos humanos mais definidos do Brasil, já foram realizados, em pesquisas anteriores, estudos que teceram relações de similitude entre alguns desses sujeitos-tipo, independentemente de sua localização geográfica e/ou evolução tecnocientífica/econômica.

Lima (1997, p. 8), valendo-se de seus conhecimentos acerca do estudo de Leopoldo Bernuci, introduz algumas aproximações perceptíveis entre a representação literária de sertanejo elaborada por Euclides da Cunha e a de caipira desenvolvida por Monteiro Lobato, tais como a preguiça comumente vinculada com esses indivíduos. No seguimento do artigo, a autora recupera outras afinidades como a precariedade da casa (1997, p. 10), a pobreza, os modos mais rústicos, a ignorância política e as crenças populares (CASCUDO apud LIMA, 1997, p. 18).

Santos (2005), em seu artigo *A figura do homem rural na literatura brasileira: alguns recortes*, também se aventura a realizar breves aproximações comparativas entre dois dos tipos rurais mais representativos do Brasil: o sertanejo e o caipira. Assim sendo, seu estudo colabora com a viabilidade da realização de uma análise de parença entre sujeitos regionais periféricos (sertanejo do nordeste) e centrais (caipira paulista). Dessa forma, sua investigação abre espaço para a idealização de novas pesquisas que abranjam a descoberta ou não de relações de analogia entre os outros tipos rurais brasileiros, tais como o gaúcho e o caipira de São Paulo.

Destarte, sendo, segundo Murari (2015, p. 598) – apoiada nos estudos de Oliveira Viana –, três os “grandes tipos humanos regionais do país: o matuto no Centro-sul, o sertanejo no Norte, e, no extremo Sul, o gaúcho”, e, levando em consideração as análises já realizadas e que aproximaram o representante setentrional do central, haja vista a carência de estudos, julga-se sobremaneira interessante realizar um estudo comparativo entre o tipo regional caipira e o presente no outro extremo brasileiro, no caso, o gaúcho.

Esforços de apropriação entre gaúcho e caipira já foram, aliás, considerados por outros pesquisadores como Simone Moro Pirotti, o que fica

---

<sup>17</sup> Queiroga (1999, p. 90).



evidente em seu artigo *O gaúcho e o caipira: integração cultural*. A autora, alicerçada nas similitudes observadas nos processos de surgimento e evolução desses dois tipos sociais, afirma que “o gaúcho e o caipira são construções ideias, presas a um passado glorioso, cujos valores preservados serviriam de base para a construção da nação brasileira” (PIROTTI, 2006, p. 8).

Baseando-se nas considerações supracitadas e que, em tese, viabilizam a execução da análise proposta nos objetivos iniciais desta pesquisa, já foram apontadas, no transcorrer do trabalho, algumas semelhanças teóricas entre o caipira – condizente com o da tese de Candido – e o gaúcho, típico representante sul-riograndense. Tais afinidades são majoritariamente relacionadas com a origem de ambos os tipos sociais, seus modos de vida, evoluções socio-históricas e resistência às novas tecnologias.

A fim de aprofundar este trabalho em um viés literário, buscou-se verificar se é possível encontrarmos, também, analogias na forma como essas duas populações são representadas literariamente. Para tanto, partiu-se de uma das representações mais conhecidas do caipira, o personagem Jeca Tatu criado por Monteiro Lobato, até hoje amplamente difundido, e alguns representantes de obras produzidas por escritores nascidos no estado do Rio Grande do Sul e que tematizam o tipo sul-riograndense a partir da ruptura de sua mitificação.

Apoiando-se na concepção de que, com a quebra do mito do *monarca das coxilhas*, tem-se o retrato de uma figura desmistificada, de um simples homem do campo<sup>18</sup>, a fase do gaúcho a pé e suas versões subsequentes aparentam ser as mais propícias a conter indivíduos caracterizados comparativamente com o caipira de Lobato<sup>19</sup>. Partindo desse princípio e levando em consideração a escassez de estudos que possuam como objeto de análise a representação literária do sujeito gaúcho contemporâneo, optou-se pela escolha de três contos e um romance mais recentes e que condizem com o período em questão na evolução literária do gaúcho.

As narrativas definidas para este estudo devido a sua perfeita adequação aos intuitos propostos são, por ordem cronológica de publicação:

---

<sup>18</sup> Conforme observado em citações já elencadas anteriormente de Marobin (1985, p. 56) e Rubert (2010, p. 130-131).

<sup>19</sup> Lembrando, inclusive, as afirmações de Armando (2014, T. II, p. 381) e Torrecillas (2008, p. 4) acerca da popularização do substantivo **jeca** a partir da obra *Urupês*.

- Conto: **Traste** – Cyro Martins – In: *Campo fora* (1934). Pérola do digníssimo autor que melhor fez conhecer a noção do gaúcho a pé, essa narrativa – fugindo um pouco da já estudada trilogia –, pode ser considerada, segundo Rubert (2010, p. 107), como uma das primeiras a representar de forma clara essa nova fase da transição valorativa do gaúcho, em que o balde de água usado para acordar Toco – protagonista da história – pode ser observado como uma manifestação dessa trajetória: dos bons sonhos para um choque de realidade.
- Romance: **Viagem aos mares do Sul** (1999) – primeiro romance de José Carlos Fernández Queiroga, advogado, jornalista e letrólogo<sup>20</sup> nascido em Alegrete. Essa obra foi selecionada, pois envolve o leitor na representação de um sujeito posterior àquele apresentado por Cyro Martins, um “gaúcho depois do a pé”, de acordo com o comentário de Marcelo Backes na apresentação do livro.
- Contos: **Guapo e Vinte de setembro** (2001) – Nero Meneghello – In: *Guapo e outros contos gauchescos*. Esse médico de São Gabriel teve suas obras aqui referenciadas por abarcarem o retrato da contínua evolução do nosso tipo sul-rio-grandense em consonância com a modernidade, no que Barbosa Lessa, em seu prefácio, denomina de “gaúcho a ônibus” – levando em consideração o fato de que agora o nosso representante estatal se encontra desprovido do seu meio de transporte mais habitual, o cavalo, e, inserindo-se na modernização, se vê obrigado a migrar para outros espaços, especialmente, para as periferias das grandes cidades.

Para a análise dessas obras, partiu-se da observação de elementos claramente representados na configuração do Jeca Tatu, os quais, correspondem, majoritariamente, a argumentos negativos apontados na e para a veiculação do preconceito em relação a esse tipo social. Tal fenômeno pode ser observado, inclusive, nos resultados da pesquisa realizada por Bonomo & Souza (2013, p. 409) acerca de como o homem do campo é geralmente visto e representado, a ponto de tais concepções já se encontrarem imbuídas até na mentalidade dos próprios camponeses, que, sem titubear apontam características que comumente são

---

<sup>20</sup> De acordo com pesquisa realizada em <<https://www.escavador.com/sobre/1874781/jose-carlos-fernandez-de-queiroga>>. Acesso em: 03/06/2019.

relacionadas a eles. “[..] *Sem conhecimento/instrução: ‘burros’, [...] fora da moda: [...]* ‘malvestidos’; *sem esperteza [...]; oposto à imagem de progresso/modernidade: ‘pobres’, ‘moram mal’ e ‘atrasados’*; e ainda: ‘pessoas ruins’” (BONOME & SOUZA, 2013, p. 409, grifos dos autores) são apenas algumas das noções destacadas e que facilmente podem ser observadas, também, na versão caricata criada por Monteiro Lobato.

Partindo desse princípio, o estudo comparativo das obras deu-se, inicialmente, pela exploração do contraste existente entre o caipira mitificado como puro e a sua situação real no momento evocado da narrativa lobatiana. Esse aspecto pode ser observado desde o início do artigo, que imediatamente apresenta a transição do símbolo nacional genuíno, preconizado pelos representantes da primeira fase do Romantismo Brasileiro, para uma construção mais realista desse sujeito, que, entregue à vida árdua do campo, luta pela sua própria sobrevivência e, conseqüentemente, pela sobrevivência de toda a população nacional que carece dos alimentos que ele produz. Esse choque de realidade que apresenta, pela primeira vez, um tipo brasileiro em sua totalidade e não somente em seus gloriosos aspectos positivos justifica em muito o grau de ruptura – defendido por autores já elencados – que a obra gera em relação ao contexto histórico em que se encontra situada.

Como conseqüências da desenfreada expansão latifundiária, Lobato deixa bem evidente a situação de pobreza e precariedade em que se encontra o caipira paulista, representada na simplicidade da moradia que ele habita, fundamentada no mínimo vital já estipulado por Cândido (1971), e na ausência de uma gleba própria na qual pudesse plantar e construir sua vida (LOBATO, 1994, p. 170), o que obriga esse pobre sujeito a se tornar um nômade que se desloca sempre que é “tocado” pelos donos das terras em que se encontra.

Em contrapartida a essa grande mudança efetivada no grau de valoração social atribuído ao caipira no decorrer do tempo – que decresce significativamente, diga-se –, Lobato (1994, p. 166-167) não deixa de mencionar as perpetuações ideológicas mantidas por esse sujeito em relação à forma como ele próprio se identifica – em seu “orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heroica” – e na manutenção de uma memória saudosa dos bons tempos passados em que o caipira detinha seus reinados. Esse sentimento inflado de pertencimento pode ser identificado muito bem na preservação de alguns dos modos de vida

adotados pelos seus antepassados como a utilização de banquinhos de três pernas apenas (LOBATO, 1994, p. 169) e a crença fiel na medicina popular (LOBATO, 1994, p. 173-175).

O segundo aspecto analisado diz respeito à atuação de Jeca Tatu na sociedade em que se encontra, ávida por evoluções. Concernente a isso, deparamo-nos com um indivíduo ainda bastante rudimentar, com forte relação de dependência com o que a natureza oferece, especialmente na área da alimentação (LOBATO, 1994, p. 168). Além disso, aspectos deterministas do espaço, como a própria abundância ofertada pela natureza, minimizam os esforços desse caipira e acabam por lhe moldar a existência (LOBATO, 1994, p. 170), baseada quase exclusivamente na adoção de atitudes práticas e fundamentalmente essenciais, o que lembra em muito a suposição, no estereótipo, da imagem do caipira como sendo preguiçoso.

Já no que tange à posição do protagonista em relação ao avanço tecnológico, não é possível observar a adoção de quaisquer objetos mais modernos, tampouco modos reconhecidamente ditos mais urbanizados. A noção de ser “[...] incapaz de evoluir, impenetrável ao progresso” (LOBATO, 1994, p. 167) remonta em muito a definição já citada de Candido (1971, p. 82) que afirma que culturas mais rudimentarmente definidas como a caipira correm sério risco de não sobreviver caso evoluam. Optando por não se arriscar a perder aquilo que o identifica como sujeito, Jeca Tatu se mostra alheio à urbanização, o que pode ser claramente observado no seu modo de “acocorar-se” – manter-se recluso, à distância, silencioso e inoperante – frente às novidades. Marschner (2015, p. 401), em seu estudo, adota uma definição semelhante ao afirmar que “como um caboclo de barba rala, fruto da mistura do branco com o índio [...], [o protagonista] vivia de cócoras, assumindo uma espacialidade e temporalidade avessa ao ritmo urbano.” Tal afastamento temporal e evolutivo, associado ao emprego de uma visão “jeco-cêntrica”, nas palavras de Lobato (1994, p. 175), alicerçada a um sentimento egocêntrico de sempre optar por aquilo que lhe parecer mais fácil e bom para seu próprio benefício, acaba renegando a esse indivíduo um papel de irrelevância social, a noção de uma existência insignificante por não possuir sequer qualquer referência ou dote artístico (LOBATO, 1994, p. 176) que, minimamente, o pudesse estabelecer culturalmente na sociedade.

Como reflexo dessa representação mais fidedigna do homem do campo e, também, pela sua inadequação evolutiva frente ao mundo globalizado, temos como

resultado a representação do surgimento de um sujeito depravado moral e socialmente, dando viés à manifestação do terceiro elemento constituinte da exploração comparativa deste estudo. Logo no início do artigo, Lobato (1994, p. 165) já dá a conhecer o decréscimo valorativo operado nesse novo representante identitário brasileiro, quando comparado à perfeição de Peri, índio valente e herói da narrativa *O guarani*, de José de Alencar. E tal afirmação vem comprovada no desenrolar da narrativa, que nos apresenta um Jeca Tatu miserável, feio<sup>21</sup>, sem quaisquer propriedades valorosas – essa afirmação pode ser comprovada na sua condição de viver de favor na terra de outros –, possuidor de um mínimo vital a sua existência, e detentor de modos grosseiros – como seu constante hábito de cuspir no chão (LOBATO, 1994, p. 168) e de comer sem auxílio de talheres (LOBATO, 1994, p. 169) – e associados a vícios como a bebida e o fumo. Além disso, outro aspecto que contribui, habitualmente, para o desmerecimento do indivíduo caipira – e que também pode ser observado no protagonista do artigo *Urupês* – é a sua suposta ignorância, quarto e último tópico que finda a presente análise. Essa falta de conhecimento vinculada à figura criada por Lobato é associada, especialmente, a duas questões: a sua ignorância pátria – representada na suposição de que o Brasil ainda tivesse como sistema de governo a monarquia (LOBATO, 1994, p. 173), na relação com o voto (caracterizada na figura de um vizinho mais poderoso (LOBATO, 1994, p. 171-172)) e no incontrolável medo de ser recrutado como soldado para atuar nas ainda supostas muitas guerras que envolveriam o território brasileiro (LOBATO, 1994, p. 173) –, ignorância cultural e a sua confiança em fatores vinculados à credence popular, tais como o uso de medicamentos de eficácia duvidosa no tratamento de doenças e demais males do corpo (LOBATO, 1994, p. 173-175) e a sua crença em vontades e castigos divinos que explicariam os problemas existentes no mundo (LOBATO, 1994, p. 175).

Com base nos pressupostos acima, os tópicos que fundamentaram a análise das obras selecionadas são:

- Relação frente à desmistificação: perpetuação de características/nomadismo, posses/pobreza, saudosismo.
- Mudanças operadas pela evolução tecnocientífica; preservação das tradições; relação com a sociedade.

---

<sup>21</sup> Já dizia Lobato (1994, p. 168) “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!”.

- Zoomorfização enquanto depreciação: adoção de modos grosseiros, maus tratos para com as mulheres.
- Ignorância pátria e cultural; crenças populares.

Partindo desses aspectos que caracterizam de forma ampla tanto o Jeca Tatu quanto o próprio estereótipo de caipira comumente difundido, será possível ou não a observação, nas obras sul-rio-grandenses elencadas, de semelhanças do gaúcho, na sua versão mais desmerecida – o gaúcho a pé e protótipos subsequentes – com essa figura da sociedade rural paulista, caracteristicamente marcada de forma pejorativa. E, a partir dos resultados encontrados, poder-se-á retomar ou não a hipótese de que as fases pelas quais passou o sujeito gaúcho são cíclicas, na medida em que, após curto período de reinado, a desvalorização é readquirida de forma ainda mais saliente, além de risível nesse novo estágio.

## 8.1 Farelos do banquete de outrora

*“Os homens, como os cinamomos, caducam em épocas diferentes. Uma questão de feeling – uns perdem as folhas antes dos outros”<sup>22</sup>.*

Inicia-se a análise explorando as metamorfoses decorrentes da perda da valoração social e a relação de alguns personagens das obras selecionadas com o período místico que os precedeu, buscando identificar semelhanças com o processo enfrentado pelo Jeca Tatu enquanto caipira paulista.

Toco – protagonista do conto de Cyro Martins – mantém-se bastante próximo do momento em que o *monarca das coxilhas* reinava na sociedade pampiana, vivenciando o trato com os animais, bem como as atividades corriqueiras da lida no campo. No entanto, se vê acordado, como já salientado por afirmação de Rubert supracitada, desse sonho bom em que era mergulhado, e, com o “sol em cheio nos olhos palermas” (MARTINS, 1978, p. 62), se vê defrontado com uma nova realidade, muito menos colorida e bem mais dolorida socialmente. Essa mudança logo é identificada no momento em que o autor deixa evidente que Toco, assim como Jeca Tatu, não mais possui terra própria, dependendo do favor de outrem para se abrigar e viver (MARTINS, 1978, p. 63).

É Toco quem, pela primeira vez, presencia a operação de uma nova mutação no significado de ser gaúcho, por se ver imbuído em um contexto que não lhe é nem um pouco favorável e, devido, eventualmente, à sua falta de compreensão operada pelo caráter inesperado da transformação, não sabe como agir, fugindo sem destino certo para o nomadismo de um lugar em que pudesse ser novamente o gaúcho de outrora.

Damião, personagem principal do conto *Guapo*, assim como Toco, também ainda se encontra muito vinculado à vida no campo e ao período heroico do gaúcho, o que pode ser claramente observado pelo seu amor ao espaço campesino (MENEGHELLO, 2001, p. 18), a relutância em ter que abandoná-lo, o saudosismo do passado em que “[...] houve guerras e o homem tinha um significado maior para viver no torrão” (MENEGHELLO, 2001, p. 19) e a sua exemplar habilidade e força no

---

<sup>22</sup> Queiroga (1999, p. 94).

trato com os animais, traço evidente desde o início da narrativa. No entanto, Damião, contrariamente ao protagonista de *Traste*, já consegue perceber melhor essa mudança que se opera na sociedade (MENEGHELLO, 2001, p. 17) e, a partir disso, vai retratando a precariedade em que se encontram os camponeses ao avançar do latifúndio rural. Essa consciência também lhe permite a tomada de uma decisão muito mais lógica em delimitar um destino possivelmente mais digno, a cidade.

Partindo dessa mentalidade e posição adotada por Damião, é possível encontrarmos nele a versão imediatamente posterior a de Toco: a do homem do campo obrigado a migrar para os grandes centros urbanos em busca de uma nova esperança. Lessa (2001), sabiamente, denomina esse novo sujeito de “gaúcho a ônibus”, ao fazer referência direta à perda do habitual meio de transporte, o cavalo, e à obrigação de adotar recursos modernizados para realizar essa travessia para o novo lar.

Apesar de seus intentos a urbanizar-se, as conclusões obtidas por esse protagonista em muito remetem à inadequação à evolução já apontada em *Urupês*, na medida em que, ao migrar para a cidade, Damião perde tudo, inclusive sua identidade valorosa em seu habitat primário – “De toruno nos campos, um surrapa no povo” (MENEGHELLO, 2001, p. 24).

Continuando na evolução histórica, temos Basílio Nunes, pai de Sirley – o protagonista de *Viagem aos Mares do Sul*. Mais esperto e, talvez, mais comedido do que Damião, o Velho Nunes opta por não abandonar totalmente o campo, arrendando suas propriedades e vivendo do lucro que isso lhe gera. No entanto, apesar de não mais conviver diretamente com a execução de tarefas campesinas (QUEIROGA, 1999, p. 134), esse sujeito mantém bem vivas as suas relações com o passado heroico gaúcho. Esse elo é construído e amplamente difundido no decorrer de todo o romance, haja vista que o personagem é apresentado como um impetuoso guardião das memórias e glórias realizadas por seus antepassados e registradas em documentos que não cansa de analisar. “Orgulhoso de tão nobres laços históricos” (QUEIROGA, 1999, p. 139), Basílio resgata a todo o momento o mito sul-riograndense e, decepcionado com as mudanças transcorridas no modo de vida do período histórico em que se encontra, enaltece saudoso “um tempo que não viveu” (QUEIROGA, 1999, p. 32-33).



Apesar da grande ênfase dada à ressuscitação do passado<sup>23</sup>, o pai de Sirley não deixa de transparecer, em seus posicionamentos, algumas noções concernentes a essa nova metodologia do pensamento. Uma dessas noções pode ser observada logo no início no livro (QUEIROGA, 1999, p. 22-23) e diz respeito à forma como um homem tipicamente gaúcho, na vestimenta que emprega e em suas origens indiáticas, é recebido pela população em geral. A estranheza e chacota que circunda esse indivíduo representa nitidamente o quanto a tradição gaudéria de outros tempos se encontra deslocada.

Aspectos como a precariedade presente no campo – representada pela simplicidade das casas (QUEIROGA, 1999, p. 19), deterioração das estradas (QUEIROGA, 1999, p. 24) e seca que afeta as produções (QUEIROGA, 1999, p. 27) – também são reflexos desse decréscimo valorativo do homem do campo como um todo. Além desses fatores naturais e frutos do demérito das autoridades governamentais, outro agente que o Velho Nunes salienta como um dos responsáveis diretos pela transformação da sociedade rural e, inclusive, da relativização da identidade gaúcha é a vinda e atuação daqueles que o personagem designa como “gringos” e, que, devido à colonização operada no RS e retomando a afirmação já citada de Armando (2014, T. III, p. 29-31), pode fazer levantar a hipótese de que se tratam dos imigrantes europeus vindos para cá no transcorrer do século XIX. O desgosto com esses novos habitantes fica evidente em diversas passagens do romance como quando Basílio os chama de “bostas” na página 50 e quando, perplexo diante das mudanças, comenta que “os gringos estão passando de trator sobre as relíquias de Nova Hereford, não há mais respeito por nada” (QUEIROGA, 1999, p. 50).

Em contraste com essa inigualável preocupação em manter vivas as tradições gaúchas, Queiroga (1999) nos revela um Basílio significativamente diferente do sujeito mítico que ele idealiza. Gordo (QUEIROGA, 1999, p. 27), sedentário (QUEIROGA, 1999, p. 166-167) e covarde (QUEIROGA, 1999, 104) são apenas alguns dos atributos do Velho Nunes e que amplamente se distinguem da performance impecável do antigo *monarca das coxilhas*. Além disso, o destaque dado para sua velhice, doença e conseqüente pedido de socorro ao filho pode ser visto como uma representação da transição desse gaúcho voltado para a

---

<sup>23</sup> Usando novamente da concepção de Armando (2014, T. III, p. 326).

rememoração dos heróis do passado para um sujeito muito mais preocupado em manter-se atualizado conforme as tendências da época, modernizado em suma.

Antes ainda da completa perdição a ser engendrada por Sirley, tem-se no percurso desta análise o protagonista do conto *Vinte de setembro*, Choruca. Esse personagem mostra-se um tanto quanto curioso e até divertido, na medida em que representa visivelmente a indecisão em optar pela manutenção do passado ou entregar-se às comodidades ofertadas pela modernização.

Frente à comemoração do Dia do Gaúcho, Choruca sente reavivado o pertencimento à tradição gaudéria, quando afirma “Dentro de mim nascem borbulhas, corre permanente a força do sangue farroupilha” (MENEHELLO, 2001, p. 59), remete ao passado cheio de glória e, ansioso, busca dele fazer parte ao participar de um desfile montado em um cavalo emprestado. Entretanto, o fato de não possuir montaria própria, estar profundamente inquieto com a experiência que terá e o posicionamento da esposa ao afirmar que “[...] acho que deverias tirar essa roupagem toda, esse aparamento que nunca usaste” (MENEHELLO, 2001, p. 63) revela a artificialidade desse ato.

Por fim, mediante o desmascaramento completo do protagonista operado pela esposa Marianita, em nunca ter sido um “homem do campo” (MENEHELLO, 2001, p. 63), possuir terras apenas por advirem de herança e estar completamente falido devido à sua incompetência e ignorância campesina (MENEHELLO 2001, p. 60), Choruca deixa a sua realidade falar mais alto, desistindo de vangloriar seu orgulho farrapo para assistir à televisão na companhia da cônjuge.

Encerrando esse percurso evolutivo, a análise chega em seu representante mais contemporâneo, Sirley, o filho indesejado pelo pai Basílio e pelo próprio tradicionalismo sul-rio-grandense, por apresentar-se como uma profunda deturpação do gaúcho que existia e era esperado até o momento.

Contrariamente aos ideários paternos, o protagonista deixa bem claro o seu posicionamento em relação ao ambiente rural, ao afirmar que “[...] a terra é verde. [...] Verde do campo, da bosta, do mate cotidiano. [...] [Onde] todo mundo se conhece, vigia, oprime” (QUEIROGA, 1999, p. 93), bem como a respeito do estado como um todo, denominado por Sirley como o “cu do mundo” (QUEIROGA, 1999, p. 60). Além disso, não perde a oportunidade de desmerecer o passado, ao denominar de “insignificâncias” as memórias do pai acerca do passado glorioso do gaúcho

(QUEIROGA, 1999, p. 132); depreciar as tropas do exército (QUEIROGA, 1999, p. 60) – outrora tão valorizadas –; diagnosticar a pobreza em que vivem até os mais ricos (QUEIROGA, 1999, p. 92) e esmiuçar os problemas sociais advindos da expansão do agronegócio (QUEIROGA, 1999, p. 118) e a conseqüente formação de aglomerados humanos paupérrimos. A pobreza advinda dessas mudanças pode ser bem evidenciada na comparação que Sirley opera ao afirmar “Como cogumelos na merda, brotam casebres nas várzeas e, logo, vilas inteiras de desempregados do campo saem de porta em porta a tentar alguma changa” (QUEIROGA, 1999, p. 90).

Ao se sentir um “estranho no ninho” (QUEIROGA, 1999, p. 45), o estudante de agronomia, desesperançado com o trabalho, mas sonhador com o sustento alheio (QUEIROGA, 1999, p. 113), passa a trama inteira angustiado com o desejo de fuga para lugares paradisíacos, que lhe pudessem proporcionar melhores condições de vida e felicidade.

Sirley em quase tudo se distingue do mito gaúcho preservado na memória do pai – inclusive em seu medo de cavalos (QUEIROGA, 1999, p. 126) – com exceção apenas de sua igual manifestação de preconceito em relação àquilo que lhe é estranho, por exemplo (QUEIROGA, 1999, p. 67-69), homossexuais, negros e inclusive o desejo de um empregado, Lula no caso, em se candidatar para presidente da República e assim assumir posição de patrão.

Partindo dos aspectos analisados é possível afirmar que, semelhantemente ao que ocorreu com o personagem de Monteiro Lobato, também se repete aqui no sul brasileiro, com o gaúcho a pé e suas versões subsequentes, as evidentes transformações operadas a partir do decréscimo da valoração social, promovida pela expansão do latifúndio agrário, perda das pequenas propriedades rurais e gradativa substituição da cultura tradicional pela uniformização urbanista e modernizada. Isso nos leva a crer que o estágio de extinção cultural no RS se encontra bastante adiantado, dando origem a sirleys que praticamente desconhecem o seu passado, mas que, presos aos resquícios de pobreza advindos de suas origens, também não conseguem possuir condições para se tornarem parte do novo mundo que se apresenta.

## 8.2 O mundo visto sob um novo ângulo, o de baixo

*“[...] o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo”<sup>24</sup>.*

Além do caráter saudosista para com períodos históricos passados, outro aspecto que chama a atenção na figura caricata de Jeca Tatu é o seu hábito de se manter à parte da evolução fomentada pela modernização. Esse costume pode ser considerado, aliás, uma defesa adotada por esse sujeito a fim de manter, durante o máximo de tempo possível, a sua cultura primária inalterada ou, ao menos, preservada minimante. Levando em consideração a conclusão já observada de que, no RS, a urbanização cultural se encontra bem evidente, buscou-se analisar se, dentre os gaúchos representados nas obras estudadas, também é adotada a prática de manter-se de “cócoras” em relação a alguns aspectos sociais, e quais os reflexos dessa praxe na evolução do gaúcho a pé.

O primevo representante sul-rio-grandense mais contemporâneo estudado, Toco, em muito se assemelha ao protagonista do artigo *Urupês*, e isso não se deve apenas ao destaque constante dado aos pés desse personagem já no início da narrativa – “O Toco, sentado, agarrando **os pés enormes de sola grossa e rachada nos calcanhares**”, “O Toco, **na ponta dos pés**, foi se chegando para ele, devagarinho”, “Sem ânimo de correr atrás, o Toco ficou parado, boca aberta, desconchavado como sempre, quebrando **com os pés** umas cascas de ovo de avestruz” (MARTINS, 1978, p. 62-63, grifos meus) –, o que lembra abertamente a posição diletta de se sentar sobre os calcanhares do anti-herói lobatiano.

A aparência preguiçosa (MARTINS, 1978, p. 62) e a sua inadequação para o serviço (MARTINS, 1978, p. 63) concedem a Toco a caracterização de inservível para a sociedade, tornando-o objeto de piada para as demais pessoas. Essa repulsa aliada a seu jeco-centrismo e falta de reação quando da morte de seu pai (MARTINS, 1978, p. 63), contrariamente ao que ocorre com o caipira de Lobato, não pode ser considerada como uma atitude benfazeja voltada à preservação da cultura

---

<sup>24</sup> Lobato (1994, p. 167).

gaúcha, na medida em que promove uma ridicularização<sup>25</sup> e insensibilidade a esse tipo social.

Como operador de profunda mudança, temos em Damião um sujeito que consegue, na medida do possível, manter um equilíbrio entre a manutenção de sua identidade enquanto campeiro e o ingresso no mundo dito civilizado por meio da alfabetização realizada “em colégio de campanha” (MENEGHELLO, 2001, p. 15).

É possível verificar pela primeira vez, nesse personagem, a consciência de que o campo tem se tornado cada vez mais um lugar de esquecidos e ultrapassados (MENEGHELLO, 2001, p. 20) e incapaz de promover crescimento pessoal e profissional a todos. A atitude de Damião após conceber essa racionalidade não foi a de se manter distanciado, pelo contrário, ele optou por se aventurar na única saída que lhe parecia plausível, a migração para a cidade (MENEGHELLO, 2001, p. 17), correndo o risco de não se adequar. Entretanto, foi exatamente essa ousadia de não se “manter de cócoras” que lhe acarretou a sua irremediável transformação em um nada, desprovido de qualquer identidade e relevância sociocultural.

Basílio, como indivíduo mais comedido e que se julga na responsabilidade de ajudar a manter viva a tradição local, prefere manter o mínimo de proximidade possível com as evoluções tecnológicas que já quase batem à sua porta. Dessa forma, mostra-se impassível frente à adoção do telefone que, segundo ele, só serve para “esconder sem-vergonha do outro lado da linha” (QUEIROGA, 1999, p. 21); permanece descrente para com o estudo, mesmo permitindo que seu filho curse uma universidade (QUEIROGA, 1999, p. 162) e pessimista para com os jovens, tidos como o “futuro do país” (grifo do autor); assim como denuncia e condena avidamente a padronização das cidades, que fará, conforme comenta, com que toda a identidade seja perdida (QUEIROGA, 1999, p. 90).

Apesar de todas essas obstinações de grande valor social e cultural para o RS, a forma preferida de “acocorar-se” do Velho Nunes é ainda quando pode “entocar-se” em seu local de estudo, debruçado sobre as honrarias de seus antepassados e alheio a todo o resto que o cerca (QUEIROGA, 1999, p. 31), em uma posição comparável a jeco-cêntrica.

---

<sup>25</sup> Tem-se em mente que o hábito de acocorar-se do caipira paulista pode, também, ser objeto de riso, no entanto, na narrativa lobatiana, esse costume fica muito mais evidente como forma de resistência à adoção de, por exemplo, uma quarta perna para o banquinho como é observado no decorrer do artigo *Urupês* (LOBATO, 1994, p. 169).

Já Choruca, apesar de lembrar-se, na semana farroupilha, de sua suposta força determinada pela sua origem gaudéria (MENEGHELLO, 2001, p. 60), aparenta concentrar a sua acomodação em sentido inverso ao da preservação cultural, vista apenas como ostentação barata e exibicionista (MENEGHELLO, 2001, p. 60). Metódico e preguiçoso (MENEGHELLO, 2001, p. 63), o protagonista de *Vinte de setembro* funciona melhor sem imprevistos, preferindo, dessa forma, “acocorar-se” em frente à televisão (MENEGHELLO, 2001, p. 64), enquanto o mundo evolui diante de seus olhos, ou melhor, diante dos olhos de sua esposa.

Sirley, por sua vez, como jovem integrado ao estudo e vida na capital gaúcha, não se acomoda diante das evoluções tecnocientíficas, pelo contrário, procura delas fazer parte. Do seu relógio digital (QUEIROGA, 1999, p. 34) à “alergia à pobreza” e ao luxo de comprar roupas caras com o dinheiro de seu pai (QUEIROGA, 1999, p. 163), esse novo gaúcho não aparenta se arrepende nenhum pouco com a gradativa perda de suas origens culturais. Além disso, também não hesita em delatar o desejo obscuro de modernidade do centauro dos pampas por meio do emprego de nomes estrangeirados – como o próprio nome Sirley, Quelem, Jânifer e Bárbara difundidos no transcorrer da narrativa –, da configuração do Club – Clube Campestre, reconhecida “ala de lazer” na cidade de Nova Hereford (QUEIROGA, 1999, p. 66-69) –, do acúmulo de coisas inúteis (QUEIROGA, 1999, p. 91) e do hábito da população como um todo em assistir a novelas televisionadas – “Centaurus do pampa, toda noite com cisco nos olhos, temendo pelo destino da Rutinha nas garras da malvada Raquel” (QUEIROGA, 1999, p. 92).

Apesar de todas essas atitudes, Sirley, como bom ser humano também se “acocora”, não diante do avanço da globalização, mas diante do sofrimento alheio, das injustiças sociais e do trabalho. O protagonista se revela como extremamente insensível quando da comparação, por exemplo, da sarna de um cachorro de rua com o câncer de tantas vítimas (QUEIROGA, 1999, p. 100) e da concordância com o autoritarismo imposto pela polícia às classes socialmente mais vulneráveis (QUEIROGA, 1999, p. 120-122). Seu egoísmo desenfreado e vingativo, assim como sua sem serventia social, profissional, na medida em que se deixa ser sustentado pelo pai (QUEIROGA, 1999, p. 84-85), desprezo educacional, haja vista que “não dá bola para a faculdade mesmo” (QUEIROGA, 1999, p. 71-72), e até em relação à habilidade de contar piadas (QUEIROGA, 1999, p. 129) é recorrente em todo o

romance e culmina em sua decisão de não prestar ajuda ao pai na hora de sua morte (QUEIROGA, 1999, p. 168).

Partindo, pois, dos princípios verificados, é possível afirmar que, no RS, apesar de ser claramente identificável a adoção do hábito de “acocorar-se”, este pouquíssimas vezes se encontra relacionado unicamente à salvaguarda da cultura gaúcha.

### 8.3 Gente que te quero bicho<sup>26</sup>

*“Preferiria ser como as aranhas e não tão espantadiço”<sup>27</sup>.*

Outro elemento que fica claro já na denominação do protagonista de *Urupês*<sup>28</sup> e que também pode ser observado nas obras sul-rio-grandenses selecionadas, como reflexo desse complexo processo de desmistificação do gaúcho é a nítida degeneração que o sujeito representante desse tipo social vem sofrendo no decorrer do tempo. Essa pauperização é tão forte e evidente que, mesmo sem análises mais aprofundadas, é possível encontrarmos associações desses indivíduos – renegados ao jugo social e moral – com características animais, em um processo conhecido por zoomorfização, na denominação de Soares (2017, p. 49). Segundo a autora (SOARES, 2017, p. 50), que teoriza sobre esse processo relativamente frequente na literatura, trata-se de uma questão social em que

Esta necessidade de zoomorfizar (animalizar) aqueles que são julgados por inferiores, a margem da sociedade ou distantes do seu ideal de valorização reflete uma sociedade com sérios problemas e a Literatura como instrumento de interação, dinâmica e reflexiva com o meio social não poderia se abster, e com criticidade reconhece na zoomorfização subsídios para análise da sociedade. (SOARES, 2017, p. 62)

Essa comparação caricaturizada, assim como no artigo de Lobato – que a retrata imediatamente no sobrenome do protagonista –, pode se apresentar de distintas formas e em relação a diferentes aspectos. Como tal, vale à pena estudar a sua presença ou não na metodologia de degenerescência do gaúcho mais contemporâneo presentes nas obras em exploração.

Tanto Cyro Martins (1978) quanto Queiroga (1999) – em seu personagem Basílio Nunes –, associam essa animalização muito fortemente em relação a dois aspectos em específico: a brutalidade dos atos que orientam esses indivíduos e a relação que eles mantêm com as mulheres.

<sup>26</sup> Em analogia com construção semelhante que Elias José atribuiu como titulação de seu livro de poemas infanto-juvenis: *Bicho que te quero livre*.

<sup>27</sup> Queiroga (1999, p. 87)

<sup>28</sup> Ao carregar **Tatu** no nome, um animal que vive preferencialmente escondido embaixo da terra, percebe-se a inferioridade atribuída ao caipira paulista.



Ambos os personagens adotam modos um tanto quanto grosseiros como cuspir “num esguicho” (MARTINS, 1978, p. 62) e respingar propositadamente toda a parede ao urinar (QUEIROGA, 1999, p. 29). Tais atitudes boçais, que tanto causam repulsa e inferiorizam esses sujeitos como primitivos, parecem vincular-se ainda bastante à manutenção da rusticidade suposta no típico gaudério, o que pode ser observado, por exemplo, na concepção do Velho Nunes em considerar que homem não pode ser bonito (QUEIROGA, 1999, p. 29) e em treinar o filho atirando com uma arma de pressão em cachorros (QUEIROGA, 1999, p. 158). Porém, nada deixa mais explícita essa descortesia quanto o instinto animal que se apossa de Toco e Basílio quando de seu relacionamento com as mulheres. Se o primeiro simplesmente toma à força<sup>29</sup> Mosquita para provar a si próprio a sua altivez como homem sedento de desejos (MARTINS, 1978, p. 63-64), o segundo passa a obra inteira denegrindo as mulheres à condição de objeto sexual – “Fêmea é comida diferente: não enche, esvazia” (QUEIROGA, 1999, p. 20) –, simples enfeite silencioso – “Assim ele a quisera [a esposa], linda, adornando a casa com sua presença silenciosa” (QUEIROGA, 1999, p. 29) –, simulacro de um padrão universal – “[...] mulher é tudo a mesma praga, quando toca de entrar no cio” (QUEIROGA, 1999, p. 49-50) – e completa animalização, ao caracterizá-las normalmente como “cadelas” (QUEIROGA, 1999, p. 48-49), “éguas” (QUEIROGA, 1999, p. 137) e “vacas” (QUEIROGA, 1999, p. 138).

Esse modo de vida e pensamento bárbaro acaba por tornar os próprios dois personagens, especialmente o Basílio, em uma versão humana zoomorfizada. Tal fenômeno pode ser claramente constatado nas inúmeras remissões ao Velho Nunes como um animal já conhecido neste trabalho, o bom e velho tatu. O seu hábito de escavar fortunas (QUEIROGA, 1999, p. 134), crendo em tesouros enterrados, aliado a seu incansável esforço em desvendar as glórias de seus antepassados – “Obstinado tatu a revolver insignificâncias” (QUEIROGA, 1999, p. 132) –, o animaliza quase por completo no transcorrer de toda a narrativa, sendo perceptível inclusive por ele ao afirmar que “o buraco [seu local de estudo dos documentos antigos] é seu lugar no mundo, longe da encheção de saco dos outros” (QUEIROGA, 1999, p. 133).

---

<sup>29</sup> A expressão “Armou o bote” (MARTINS, 1978, p. 63) retrata visivelmente o esforço do autor em aproximar esse ato ao de um animal.

O filho Sirley, apesar de totalmente contrário à visão de grande macho por ser extremamente carente, covarde<sup>30</sup> e frágil até para tomar comprimido (QUEIROGA, 1999, p. 88) e beber cerveja doce (QUEIROGA, 1999, p. 103), segue, de perto, caminho semelhante ao pai no que tange à sua própria zoomorfização e a de outrem. Com exceção de alguns lapsos de romantismo – como ao mandar cartas para a namorada Quelem (QUEIROGA, 1999, p. 36) e sentir profunda saudade da mãe (QUEIROGA, 1999, p. 166) –, a visão machista que adota é muito semelhante à paterna. E, como tal, não hesita em transformar a pequena Bárbara em objeto de consumo (QUEIROGA, 1999, p. 128) ao categorizá-la como “comestível”; ao concordar com a igualdade feminil defendida por Basílio, afirmando que “[...] os buracos são todos iguais” (QUEIROGA, 1999, p. 148); ao comparar as candidatas do concurso Mais Mais, passeando em carro aberto, com “vacas em exposição” (QUEIROGA, 1999, p. 101) e as crianças pobres brincando ao ar livre com “moscas em bicheira” (QUEIROGA, 1999, p. 117). No entanto, não são somente as mulheres e crianças que, na mente de Sirley, são animalizadas. Processo semelhante também ocorre com as pessoas que vivem nas favelas, qualificadas como “formigas apressadas” (QUEIROGA, 1999, p. 120), com o pai e seu costume de “relinchar” (QUEIROGA, 1999, p. 144) e com ele próprio, abertamente retratado como “inseto” (QUEIROGA, 1999, p. 71), “elefante” (QUEIROGA, 1999, p. 132), “boi manso” (QUEIROGA, 1999, p. 163) e “monte de bosta” (QUEIROGA, 1999, p. 164). Ainda assim, o auge de sua zoomorfização fica a cargo de Basílio Nunes e sua tentativa de explicar, pelo determinismo, a corrupção varonil do filho ao afirmar que “ninhada de outubro dá uns porqueiras, pintos flaquitos no más, quando não morrem na casca, por causa dos trovões” (QUEIROGA, 1999, p. 98).

Já, no que se refere aos dois outros protagonistas das obras estudadas, Damião e Choruca, eles aparentam encontrar-se em um estágio relativamente mais evoluído quando comparado aos demais. Ambos adotam modos muito menos rústicos, chegando até a serem sentimentais, especialmente o segundo, de quem o próprio nome parece carregar alguma relação com o ato de chorar, concretizado ao término do conto quando “fechou os olhos marejados” (MENEGHELLO, 2001, p. 64). Sem falar que suas relações com o sexo oposto são muito menos rudes, tanto que Damião chega a fazer sucesso entre a mulherada (MENEGHELLO, 2001, p. 16) e

---

<sup>30</sup> Em sua adolescência, na presença do pai, fugiu ao invés de “barranquear” uma égua (QUEIROGA, 1999, p. 135).

Choruca se encontra a ser sustentado pela esposa, que é professora e da qual advém a única renda da casa (MENEGHELLO, 2001, p. 60).

Partindo dos resultados encontrados, é possível afirmar que a utilização da zoomorfização como reflexo da depravação do caipira e do gaúcho é mais um item de semelhança na representação literária desses dois tipos sociais. Da mesma forma, vale salientar a recorrência do uso do animal tatu para representar personagens sul-rio-grandenses – como Queiroga (1999) em relação a Basílio Nunes e Schüller (1985) no seu “rimance” (sic) que pretende reduzir toda a trajetória histórica do gaúcho, igualmente denominado de Tatu –, sendo possível, inclusive, levantar a hipótese de que haja inspirações associativas à obra de Monteiro Lobato e à sua versão caricata do caipira.

## 8.4 Sabedoria: uma invenção tecnológica?

*“[...] pensar é coisa que só acontece com os outros, como as doenças e a felicidade”<sup>31</sup>*

O quarto e último aspecto analisado no estudo das obras selecionadas é a suposta falta de conhecimento atribuída àqueles que, por viverem afastados dos grandes centros urbanos, mantêm, até hoje, crenças antigas, bem como dificuldades no manuseio de algumas ferramentas tecnológicas. Esse é certamente um dos argumentos mais contundentes no que concerne à concepção preconceituosa que designa o caipira como indivíduo ignorante e ultrapassado. E, devido a isso, estudar a sua presença ou inexistência na representação literária do gaúcho contemporâneo permitirá corroborar ou não a hipótese de que, no presente, o sujeito-tipo sul-riograndense é tão desvalorizado quanto em seu início como nômade do campo, haja vista a possibilidade de ter se tornado objeto de riso para a urbanização.

Em um primeiro estágio, vê-se Toco, que a partir de sua completa ignorância, até para com as lidas no campo, torna-se um sujeito totalmente desprezível nessa transição que se opera na sociedade rural enquanto ele foge sem conhecer destino.

Decorrido certo tempo de harmonização evolucionar, o excelente trabalhador campeiro e pleno conhecedor do ambiente campesino Damião é quem primeiro consegue ter consciência das mudanças que começam a se operar na vida e fisionomia agrária. E também o que mais sofre frente à brusca alteração de ares e à sua não adaptação ao mundo dito civilizado.

Quanto ao próximo da escala evolutiva, Basílio, resistente à padronização imposta pela modernização e ao risco de perda da sua identidade cultural, mantém-se fiel em suas crenças populares, desconfiando de tudo que lhe é novidade<sup>32</sup> e fiando-se apenas naquilo que pode ver (QUEIROGA, 1999, p. 142). O mesmo ocorre com sua concepção de governo, que, por estar distante – “o que acontece em Brasília neste momento não é da sua conta, votou em branco” (QUEIROGA, 1999, p. 31), supõe que não lhe diz respeito. Tal ignorância pátria em muito se assemelha com a de Jeca Tatu, que também não atenta para quem está governando o Brasil no

---

<sup>31</sup> Queiroga (1999, p. 150).

<sup>32</sup> “Procurar um médico só em último caso, são uns ladrões, além de incompetentes” (QUEIROGA, 1999, p. 133).

momento evocado na trama. No entanto, as equivalências de des(conhecimento) entre esses dois personagens terminam por aí, haja vista que, contrariamente ao protagonista lobatiano que prefere “acocorar-se” diante da impossibilidade de agir contra a vontade celeste que a tudo coordena, o Velho Nunes, quando contrariado em suas vontades, simplesmente quebra relações com a Igreja e põe em dúvida todos os preceitos divinos, inclusive a existência de Deus, levando em consideração o fato de ele, Basílio Nunes, ter tido um filho como Sirley (QUEIROGA, 1999, p. 135).

Na sequência, vemos, com Choruca, uma nova quebra na concepção de sabedoria. Ele, já muito mais urbanizado do que Basílio, se vê perdido frente à falsa transmissão hereditária e automática do conhecimento vinculado à vida no campo – indispensável a um sujeito como ele, irrigado pelo bom sangue gaúcho –, quando se depara com o seu incontrolável nervosismo (MENEGHELLO, 2001, p. 61) e falta de prática para andar sobre o lombo de um cavalo (MENEGHELLO, 2001, p. 62).

Já com Sirley, renegando a segundo plano toda a tradição gaudéria, vemos o despontar de um novo sujeito gaúcho, muito mais observador para com os problemas sociais<sup>33</sup>, filosófico em relação ao futuro (QUEIROGA, 1999, p. 150) e crítico quanto a atos e instituições tradicionais como a completa desmistificação que opera em relação ao padre Ervino – tanto no que se refere ao seu hábito de vestir-se tradicionalmente à rigor (“padre pilcha”) quanto em sua suposta homossexualidade (“padre bicha”) (QUEIROGA, 1999, p. 59)<sup>34</sup> – e ao ato de comungar, denominado como “ritual antropofágico revigorante” (QUEIROGA, 1999, p. 62) adotado por “travestis de lobos em cordeiros de Deus” (QUEIROGA, 1999, p. 64). Ainda assim, apesar de todo esse empenho e habilidade racional, Sirley sabidamente mantém e autorretrata seus traços de ignorância, na medida em que não entende o fim do namoro com Quelem (QUEIROGA, 1999, p. 71-72); “não dá bola para a faculdade” (QUEIROGA, 1999, p. 74) e “apenas faz como os outros, como tudo” (QUEIROGA, 1999, p. 85), sem nunca exercer sua originalidade, repetindo “o que ouve, apenas” (QUEIROGA, 1999, p. 150).

---

<sup>33</sup> “Uma ponta de gado é tocada pela Rua das Tropas, onde os moradores são muito pobres e estão acostumados a comer poeira e a só olhar os quilos vivos de carne desfilando” (QUEIROGA, 1999, p. 92).

<sup>34</sup> Essa passagem lembra, inclusive, certo dito popular que comumente identifica os homens sul-riograndenses como homossexuais.

Como pôde ser observado por meio da análise dos dados encontrados, o grau de rusticidade evidenciado, nas representações literárias exploradas, a partir da queda do *monarca das coxilhas*, percorreu altos e baixos, avanços e retrocessos, mas em nenhum momento deixou de ser evidenciado e podendo muito bem ser comparado, inclusive, àquele que caracteriza Jeca Tatu como objeto risível e de menosprezo social.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A modernidade representa não mais uma escolha pessoal, mas uma norma social banalizante e redutora, um discurso de legitimação da ordem socioeconômica dominante.”<sup>35</sup>*

Desde sua colonização, o RS se destacou como estado à parte do restante do país. A forte imigração europeia decorrida a partir do século XIX e a configuração de uma cultura um tanto quanto peculiar e fortemente delimitada só veio reforçar essa noção de dessemelhança.

Após as fases iniciais do Romantismo e suas representações ufanistas de uma identidade brasileira, construiu-se um novo viés literário, o Regionalismo, que tinha como objetivo central dar voz aos costumes regionais que tanto se distinguiam de um estado para outro. Essa nova subclassificação romântica que se instaurava permitiu construir um conhecimento muito mais abrangente sobre o Brasil, na medida em que representava tipos particulares nunca antes evocados. E foi, também, a partir dela que os escritores sul-rio-grandenses viram uma possibilidade de, tornando documental, formalizar os hábitos locais, instituindo sua identidade diferenciada e fortificando um título gentílico conquistado após anos de evolução dos primeiros nômades do pampa.

Levando em consideração os estudos teóricos analisados, foi possível constatar que a primeira visão do gaúcho não foi exatamente positiva. Sinônimo de rebeldia e inadequação à modernização, os primeiros pampeanos acabaram ficando à margem da sociedade, obrigados, até, a cometer furtos e outros atos ilegais para manter sua sobrevivência.

Posteriormente, na medida em que eram inseridos no sistema capitalista, revelaram-se exímios na lida do campo e na atuação em guerras. Tais préstimos lhes foram, na sequência, em uma espécie de autoglorificação em relação à sua condição de simples peões de estância, narcisicamente exagerados e acrescidos de outras supostas qualidades, culminando na criação mitificada do *monarca das coxilhas*.

---

<sup>35</sup> Chesneaux (*apud* Oliveira, 2008, p. 46).

Com a expansão do latifúndio – e em decorrência da vinda dos imigrantes europeus na visão de Basílio Nunes –, o reinado dá lugar a uma nova descaracterização, especialmente social. Sem seu cavalo, o gaúcho, transformado em simples homem do campo, se vê diante da perda de suas terras, da derrocada para o capital, do êxodo rural, da pobreza e da inadequação urbana.

Partindo dessa desmistificação e, especialmente, de seu resultado, buscou-se verificar as semelhanças existentes, na representação literária, entre esse gaúcho mais contemporâneo e um dos mais conhecidos personagens rurais da literatura brasileira, o Jeca Tatu.

A aproximação dos dois sujeitos, tanto teoricamente quanto literariamente, propiciou não somente a comparação entre dois dos mais representativos tipos humanos do Brasil, em um viés poucas vezes antes estudado, como também uma concepção de universalização desse sujeito gaúcho que se quer tão diferente, embora apresente muitas semelhanças com o caipira paulista, no caso. Além disso, foi possível corroborar, também, a constituição da ideia de que o processo evolutivo valorativo do tipo social sul-rio-grandense tem se organizado ciclicamente entre momentos de deturpação social e supervalorização ideológica.

É sobremaneira interessante observar como essa desvalorização se operou desde a quebra do mito, primeiramente marcada na figura de Toco, um indivíduo pego de surpresa pela mudança, já deslocado de suas habilidades e funções míticas do passado, porém ainda cego em relação ao futuro. O personagem de Cyro Martins, totalmente desconstruído social e moralmente, parece encontrar-se em estado ainda mais rudimentar do que o Jeca Tatu, considerando especialmente a sua total falta de compreensão acerca de sua identidade.

Consciente de sua origem e habilidades campeiras – belo reflexo do antigo monarca –, Damião, diferentemente de Toco, já possui maturidade para analisar o contexto em que se encontra, buscando avaliar as possibilidades de se manter no campo que tanto preza, apesar das poucas possibilidades que fornece, ou aventurar-se na cidade, correndo o risco de perder-se para sempre, entre o que já deixou de ser – migrando para fora de seu habitat natural – e o que ainda não é – completamente urbanizado. O resultado dessa empreitada faz com que Damião retorne à mesma posição do protagonista de Traste, ou seja, encontra-se desconstruído, perdido em relação ao destino que lhe ocasionará essa terrível transição.



Para evitar resultados igualmente desfavoráveis e o grande risco de perder para sempre a identidade gaúcha que tanto preza, o Velho Nunes não abandona suas terras nem suas tradições, encontrando meios para sobreviver nesse equilíbrio e buscando perpetuar até os modos grosseiros supostamente atribuídos à figura de macho sul-rio-grandense. Entretanto, é possível perceber claramente como se quer fantasiosa essa manutenção genuína da performance do típico gaudério, não somente observada no fato de que Basílio, tendo suas terras arrendadas, perdeu o contato direto com o campo, mas também pela própria caracterização do Velho Nunes que se revela cada vez mais sedentário, sem reação e recluso à mitificação de tempos e caracteres que já não mais o representam, mas que ainda insiste em recordar.

Esse processo de “ressureição”, apesar da atuação dos CTGs, vê-se representado, no conto *Vinte de setembro*, como em evidente descontinuação. Em contraste com o Velho Nunes que é retratado como em regular estudo e afirmação das glórias e tradições gaudérias, Choruca, movido pelas comemorações da Semana Farroupilha, aparenta recordar-se delas e pô-las em prática apenas uma vez por ano. Tal fenômeno é visivelmente apresentado pelas revelações operadas pela esposa e pelo protagonista que, não vendo real sentido em sair da monotonia e correr o risco de cair do cavalo emprestado para personificar uma tipologia social que se encontra praticamente irrealizada no contexto atual, opta pela comodidade que a padronização urbanística – e conseqüente esquecimento – lhe proporciona.

Apesar de publicação anterior a de Meneghello (2001), é Queiroga (1999) quem apresenta a completa deturpação do gaúcho na figura atípica de Sirley, que, registrado com nome igual ao da tia paterna, se configura como uma das representações literárias primevas e mais transgressoras do tipo sul-rio-grandense.

Não somente a caracterização de um indivíduo mais frágil e sensível aos contextos, sentimentos e atos das pessoas que o cercam, o herdeiro do Velho Nunes, melhor inserido na sociedade moderna, almeja libertar-se por completo das suas origens. Essa aspiração pode ser evidenciada por meio de seus constantes desejos de fuga para lugares que, contrariamente a Nova Hereford, contemplem maiores oportunidades e benefícios, bem como serem, segundo, ele, constituídos, em sua essência, pelo ideal de felicidade.

A constatação de que Sirley, enquanto modernizado, é visto como um sujeito à parte do ideário tradicionalista sul-rio-grandense pode ser assemelhada com o

próprio estado do RS, que também se quer distinto do restante do país. Outra similitude observada, na análise literária da obra *Viagem aos Mares do Sul*, é a reação desse personagem diante dessa constatação de distinção, em seu desejo constante de fugir para um lugar em que pudesse se sentir mais contextualizado. Tal fenômeno pode ser comparado, inclusive, à contínua ânsia separatista do RS em relação ao Brasil.

Além da evidência constatada na deturpação demeritória do gaúcho na figura de Sirley, o destaque dado, durante todo esse processo, para aspectos como o determinismo do espaço, a preguiça, a inadequação às novas tecnologias, a confiança em crenças populares, a adoção de modos e trejeitos grosseiros e a ignorância em muito permite realizar uma associação entre esse novo indivíduo gaudério que surge e uma das figuras mais estereotipadas do país, o caipira – aqui especialmente abordado a partir da tese de Candido (1971) e a caricaturização literária proposta por Monteiro Lobato em *Urupês*. Aliado a esses traços de semelhança fortemente identificáveis na análise realizada, o hábito de acomodar-se/“acocorar-se” diante ora da evolução ora da manutenção das tradições ora da vida como um todo – observado na dedicação exclusiva de Basílio Nunes a seus propósitos de perpetuação da memória –, juntamente com a associação mais do que recorrente entre particularidades e atos humanos e animais, por meio da zoomorfização, permitem aproximar ainda mais esses dois tipos brasileiros – caipira e gaúcho –, principalmente no que concerne à sua veiculação a um mamífero desdentado que vive, preferencialmente, sob a obscuridade da terra: o tatu.

A possibilidade de fundamentar, por meio de uma análise literária, as relações de similitude existentes entre o sujeito posterior ao processo de mitificação do herói gaúcho e um indivíduo tão habitualmente ridicularizado como o caipira permite corroborar, dentro dos aspectos analisados, a hipótese da periodicidade da (des)valorização dos primeiros nômades do pampa sul-rio-grandense e suas evoluções históricas, sociais e literárias no decorrer do tempo.

Como sugestão de estudos posteriores fica a análise comparativa entre o livro *O tatu* de Donald Schüler – que se propõe a resumir brevemente toda a evolução do gaúcho – e obras fundamentais de cada uma dessas fases evolutivas, buscando verificar semelhanças e disparidades. Outra possibilidade é a expansão deste estudo para narrativas ainda mais recentes, visando à confirmação dos dados encontrados até o momento, bem como a realização de uma análise da

representação progressiva da figura feminina frente a essa deturpação do tipo gaúcho como um todo, na tentativa de observar se ela se realiza de forma semelhante àquela atribuída aos protagonistas masculinos investigados.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Fernanda Arcanjo de. **Representações dos espaços rural e urbano na ficção de Adonias Filho**. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROCEL, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, 2014. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/62>. Acesso em: 09/09/2018.
- ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. **O regionalismo na literatura e o “mito do gaúcho” no extremo-sul do Brasil**: Simões Lopes Neto. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2014. [Tomos usados no estudo: I, II e III].
- BACKES, Marcelo. **Prefácio**. In: QUEIROGA, José Carlos. *Viagem aos mares do sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- BONOMO, Mariana; SOUZA, Lídio de. **Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural**. *Avances en Psicología Latinoamericana/Bogotá* (Colombia), Vol. 31(2), pp. 402-418, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1794-47242013000200008&lng=e&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1794-47242013000200008&lng=e&nrm=iso). Acesso em: 09/09/2018.
- BONOMO, Mariana. **Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário**: campo de antinomias. 2010. 469 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3123>. Acesso em: 09/09/2018.
- CAMPOS, Judas Tadeu. **Festas juninas nas escolas**: lições de preconceito. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000200015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000200015&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 13/02/2019.
- CAMPOS-TOSCANO, Ana Lúcia Furquim, et. al. **Da crítica ao cômico**: uma análise discursiva da construção identitária do caipira. *Revista Eletrônica de Letras* (Online), v. 7, n. 7, jan-dez 2014. Disponível em: <http://periodicos.unifacel.com.br/index.php/rel/article/view/1024>. Acesso em: 09/09/2018.
- CANDIDO, Antonio. **“A literatura e a formação do homem”**. In: *Revista Remate de Males* – Antonio Candido: Número Especial. Campinas: Unicamp, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701>. Acesso em: 09/09/2018.
- \_\_\_\_\_. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

CARAMELLO, Érika Fernanda. **O gaúcho e a fronteira no mundo virtual**. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4082/4456>. Acesso em: 09/09/2018.

CARNEIRO, Fabianna Simão Bellizzi. **Monstros do sertão**: literatura e preconceito em “Bucólica” e “Velha praga”, de Monteiro Lobato. In: IV Congresso Internacional de História: Cultura, Sociedade e poder, 2014, Jataí/Goiás. IV Congresso Internacional de História, 2014. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(79\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(79).pdf). Acesso em: 04/07/2018.

DAIE, Fábio Salem. **Por uma Educação Integral**: Antonio Candido e o papel formador da literatura. In: Seminário Trabalho, Crise e Políticas Sociais na América Latina, 2016, Marília-UNESP. Anais do X Seminário do Trabalho. Marília: Unesp, 2016. v. 1. Disponível em: <[http://www.canal6.com.br/x\\_sem2016/artigos/4A-11.pdf](http://www.canal6.com.br/x_sem2016/artigos/4A-11.pdf)>. Acesso em: 11/11/2018.

DUARTE, Márcia Lopes. **Simões Lopes Neto e a invenção do Gaúcho**. *Cadernos IHU Ideias*. Ano 1, nº 08, 2003. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/008cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 04/02/2019.

GONZAGA, Sergius. **As mentiras sobre o gaúcho**: primeiras contribuições da literatura. In: *RS: cultura e ideologia* [por] Décio Freitas [et al.]. Org. José H. Dacanal e Sergius Gonzaga. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

LEITÃO, Luiz Ricardo. **O campo e a cidade na literatura brasileira**. 1ª ed. Veranópolis: ITerra, 2007. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/O%20campo%20e%20a%20cidade%20na%20literatura%20brasileira%20-%20Luiz%20Ricardo%20Leitão.pdf>. Acesso em: 09/09/2018.

LESSA, Barbosa. **Prefácio**. In: MENEGHELLO, Nero. *Guapo e outros contos gauchescos*. Porto Alegre: Alcance, 2001.

LIMA, Nísia Trindade. **Jeca Tatu e a representação do caipira brasileiro**. In: XXII Encontro anual da ANPOCS. Caxambu. 1997. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt10-14/5117-nlima-jeca/file>. Acesso em: 18/02/2019.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. In: \_\_\_\_\_. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/364142.pdf>. Acesso em: 16/09/2018.

MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul**: aspectos temáticos e estéticos. São Leopoldo: UNISINOS, 1985.

MARRERO, Andrea Rita. **História genética dos gaúchos: dinâmica populacional do sul do Brasil**. 2006. 223 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10934>. Acesso em: 02/12/2018.

MARSCHNER, Walter Roberto. **As representações do espaço rural na literatura modernista, à exemplo do personagem Jeca Tatu**. *Estudos de Sociologia*, Recife, 2015, Vol. 2 n. 21, p. 393-414. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235662/28565>. Acesso em: 09/09/2018.

MARTINS, Cyro. **Traste**. In\_\_\_\_\_. Campo Fora. Porto Alegre: Movimento, 1978.

MENEGHELLO, Nero. **Guapo e outros contos gauchescos**. Porto Alegre: Alcance, 2001.

MENEZES, Juliana Tatsch. **Pés cravados no chão, olhos voltados para o mundo: uma análise da universalidade presente nos textos regionalistas de Aparício Silva Rillo**. 2013. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Letras – Português e Respectivas Literaturas), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé, 2013. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/rii/3246>. Acesso em: 01/12/2018.

MEYER, Augusto. **Gaúcho: história de uma palavra**. Porto Alegre: Livraria do Globo S. A., 1957.

MURARI, Luciana. **A construção da identidade social na literatura regionalista: o caso sul-rio-grandense**. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 17, n. 32, p.159-183, dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/11494>. Acesso em: 09/09/2018.

\_\_\_\_\_. **“Um eugênico, enfim”**: o gaúcho como tipo antropológico na literatura e no discurso social brasileiro. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 596-615, jul./dez. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2015000200596](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2015000200596). Acesso em: 09/09/2018.

NASCIMENTO, Emanuel Angelo. **Os estereótipos do caipira no discurso do humor**. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, São Paulo, 46(3); p. 850-865, 2017. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1529>. Acesso em: 09/09/2018.

OLIVEIRA, Andria da Silva. **A construção literária do homem simples: alienação e metamorfismo**. 2008. 88 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, 2008. Disponível em: <http://www1.ufmt.br/ufmt/un/publicacao/meel/22?busca=&filtro=&categoria=>. Acesso em: 09/09/2018.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Do Caipira picando fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio**. *REVISTA USP*, São Paulo, n.59, p. 232-257, setembro/novembro 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13291/15109>. Acesso em: 13/02/2019.

PELINSER, André Tessaro. **Guimarães Rosa e seus precursores: regionalismo, deslocamentos e ressignificações**. 2015. 350 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-9UNGSB>. Acesso em: 09/09/2018.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira**. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

PIROTTI, Simone Moro. **O gaúcho e o caipira: integração cultural**. // *Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/qpforma/2senafe/PDF/020e3.pdf>. Acesso em: 29/07/2019.

QUEIROGA, José Carlos. **Viagem aos mares do sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

RUBERT, Nara Marley Aléssio. **Em que espécie de *hombre* o gaúcho se transformou?** (o regionalismo nos contos gaúchos do século XX). 2010. 204 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28002>. Acesso em: 09/09/2018.

SANTOS, Dheyne de Souza. **A figura do homem rural na literatura brasileira: alguns recortes**. *Revista da Universidade Federal de Goiás*. v. 7 n. 1, 2005, p. 67-68. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/49118>. Acesso em: 09/09/2018.

SCHNORR, Júlia. **A representação do viver no campo: o estereótipo do homem e do espaço rural na televisão**. *Cadernos de Comunicação* (v. 15, n. 2, Jul-Dez 2011). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/4722/0>. Acesso em: 09/09/2018.

SCHÜLER, Donaldo. **O tatu**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985, p. 44.

SIMÕES FILHO, Mário Luís. **Representações do homem do campo em Monteiro Lobato: de Jeca Tatu a Zé Brasil**. *Miscelânea: Revista de Pós-Graduação em Letras UNESP – Campus de Assis*. Assis, vol. 6, jun./nov. 2009, p. 58-74. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/755>. Acesso em: 29/07/2019.

SOARES, Uesla Lima. **O animal humano**: os paradigmas da zoomorfização social e sua representação literária. Anais do Festival Literário de Paulo Afonso - FLIPA - 2017 - Faculdade Sete de Setembro - Paulo Afonso-Bahia. Disponível em: <https://www.fasete.edu.br/eventos/flipa/anais/internas/conteudo/resumo.php?id=30>. Acesso em: 09/09/2019.

TORRECILLAS, Maria Vera Cardoso. **O estereótipo do caipira brasileiro na literatura, nos quadrinhos e na pintura**. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, v. 08, n. 1, p. 1-11, 2008. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpql/article/view/9628/5912>. Acesso em: 09/09/2018.

VASCONCELLOS, Dora Vianna. **O homem pobre do campo no pensamento brasileiro e no imaginário social**. 2009. 78 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2009%20dissertacao\\_do\\_ra\\_vasconcellos.pdf](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2009%20dissertacao_do_ra_vasconcellos.pdf). Acesso em: 09/09/2018.

ZILBERMAN, Regina. **Roteiro de uma literatura singular**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992. (Síntese rio-grandense; 6).